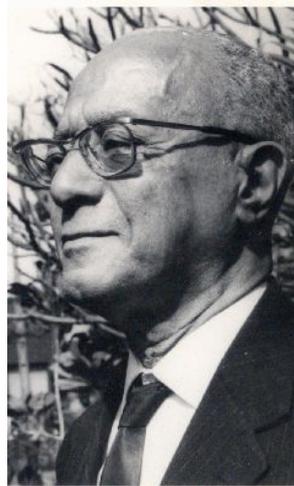


José Pereira da Silva

**ELEMENTOS DE
FILOGIA ROMÂNICA
DE ANTENOR NASCENTES**

(EDIÇÃO COMENTADA E ATUALIZADA)



**Rio de Janeiro
2007**

ÍNDICE

PREFÁCIO	
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	
1. HISTÓRICO DA FILOLOGIA ROMÂNICA	
<i>1.1. A expansão romana</i>	
<i>1.2. A România</i>	
<i>1.3. A expansão românica</i>	
2. O PROBLEMA DA FILOLOGIA ROMÂNICA. DIFERENCIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS. LÍNGUAS E DIALETOS ROMÂNICOS...	
3. O LATIM VULGAR	
4. FONÉTICA	
<i>4.1. Vocalismo</i>	
4.1.1. Vogais tônicas livres	
4.1.2. Vogais tônicas travadas.....	
4.1.3. Vogais átonas.....	
4.1.4. Vogais Protônicas.....	
4.1.5. Vogais postônicas.....	
4.1.6. Ditongos.....	
<i>4.2. Consonantismo</i>	
4.2.1. Consoantes internas e isoladas	
4.2.2. Consoantes finais.....	
4.2.3. Consoantes dobradas	

4.2.4. Consoantes agrupadas	
4.2.4.1. <i>Grupos latinos iniciais</i>	
4.2.4.2. <i>Grupos latinos internos</i>	
4.2.4.3. <i>Grupos com inicial vibrante</i>	
4.2.4.4. <i>Grupos com inicial nasal</i>	
4.2.4.5. <i>O grupo sc diante de e</i>	
4.2.4.6. <i>Grupos com a semiconsoante w</i>	
4.2.4.7. <i>Grupos com a semiconsoante y</i>	
4.2.4.8. <i>Grupos românicos</i>	
5. MORFOLOGIA	
5.1. Substantivos	
5.2. Adjetivos	
5.3. Numerais	
5.3.1. Cardinais	
5.3.2. Ordinais	
5.3.3. Fracionários, distributivos e multiplicativos	
5.4. Pronomes	
5.4.1. Pessoais	
5.4.1.1. <i>Formas tônicas</i>	
5.4.1.2. <i>Formas átonas</i>	
5.4.2. Possessivos	
5.4.3. Demonstrativos	
5.4.4. Relativos e interrogativos	
5.5. Verbos	
5.5.1. Presente do indicativo	
5.5.1.1. <i>Primeira conjugação</i>	
5.5.1.2. <i>Segunda conjugação</i>	
5.5.1.3. <i>Terceira conjugação</i>	

5.5.2. Presente do subjuntivo.....	
5.5.2.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.2.2. <i>Segunda conjugação</i>	
5.5.2.3. <i>Terceira conjugação.....</i>	
5.5.3. Imperativo.....	
5.5.4. Gerúndio	
5.5.5. Presente do infinitivo	
5.5.6. Imperfeito do indicativo	
5.5.6.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.6.2. <i>Segunda conjugação</i>	
5.5.6.3. <i>Terceira conjugação.....</i>	
5.5.7. Imperfeito do subjuntivo	
5.5.8. Pretérito perfeito do indicativo (perfeitos fracos)	
5.5.8.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.8.2. <i>Segunda conjugação</i>	
5.5.8.3. <i>Terceira conjugação.....</i>	
5.5.9. Mais-que-perfeito do indicativo	
5.5.9.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.9.2. <i>Segunda conjugação</i>	
5.5.9.3. <i>Terceira conjugação.....</i>	
5.5.10. Futuro.....	
5.5.10.1. <i>Terceira conjugação.....</i>	
5.5.11. Tempos perifrásticos [futuro do presente].....	
5.5.11.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.11.1. <i>Segunda conjugação.....</i>	
5.5.11.1. <i>Terceira conjugação</i>	
5.5.12. Tempos perifrásticos [futuro do pretérito].....	
5.5.12.1. <i>Primeira conjugação.....</i>	
5.5.12.1. <i>Segunda conjugação</i>	

5.5.12.1. Terceira conjugação.....	
6. SINTAXE	
6.1. Seqüência das palavras	
6.1.1. Substantivo.....	
6.1.2. Verbo	
7. TEXTOS.....	
7.1. <i>Notícia de Torto</i>	
7.2. <i>Texto galego – Cantar Gallego</i>	
7.3. <i>Texto espanhol – Poema de Mío Cid</i>	
7.4. <i>Texto provençal – Miréio</i>	
7.5. <i>Texto italiano – Il Cantico del Sole</i>	
7.6. <i>Texto francês – Serments de Strasbourg</i>	
7.7. <i>Texto rético</i>	
7.8. <i>Texto romeno</i>	
7.9. <i>Texto sardo</i>	
7.10. <i>Texto dálmata</i>	

PREFÁCIO

As dificuldades com que tenho lutado no ensino da Filologia Românica levaram-me a publicar o presente livro.

Os compêndios estrangeiros, além de um tanto caros, são de aquisição difícil.

Os escritos em alemão ficam fora do alcance dos alunos pois o alemão não é ensinado nem no colégio nem no curso de línguas neolatinas.

Apontamentos de aula apresentam sempre precariedade.

Apontamentos datilografados ou mimeografados não preenchem cabalmente os seus fins.

De modo que, somente a publicação em livro poderá resolver a dificultosa situação do professor de Filologia Românica.

Em todo caso, se não tiver outro mérito, a obra terá o de ser o primeiro compêndio que sobre o assunto se publica em nosso país.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

ARCHIVUM ROMANICUM

ASCOLI, G. Saggi ladini. **In:** *Archivio glottologico italiano*, I.

AUERBACH, Erich. *Introduction aux études de philologie romane*. Francfort, 1949.

BARTOLI, M. J. *Caratteri fondamentali delle lingue neolatine. Bausteine zur romanischen Philologie*. Miscelânea Mussafia, 1905.

BERTONI, Giulio. *Programma di filologia romanza come scienza idealistica*. Genebra, 1923.

BONFANTE. *L'origine des langues romanes*.

BUDINSKI, A. *Die Ausbreitung der lateinischen Sprache über Italien und die Provinzen des römischen Reich*. Innsbruck, 1881.

CANELLO, V. A. *Del metodo nello studio delle lingue romanze*.

EBELING, G. *Probleme der romanischen Syntaxe*. Halle, 1905.

ETTMAYER, R. von. *Vademecum für Studierende der romanischen Philologie*. Heidelberg, 1919.

FÖRSTER e KOSCHWITZ. *Altromanisches Elementarbuch*. Leipzig, 1907.

GAMILLSCHEG, E. *Romania Germanica*. 3 tomos. Berlim, 1934.

GAMILLSCHEG, E. e SPITZER, L. *Beiträge zur romanischen Wortbildungslehre*, 1921.

GORRA, E. *Lingue neolatine*, 1894.

GRÖBER, G. *Aufgabe und Gliederung der romanischen Philologie (no Grundriss)*.

GRÖBER, G. *Einstellung und aussere Geschichte der romanischen Sprachen (no Grundriss)*.

GRÖBER, G. *Geschichte der romanischen Philologie (no Grundriss)*.

GUARNERIO, O. E. *Fonologia romanza*. Milão, 1918.

HATZFELD, Helmut. *Neuere Aufgaben der romanischen Philologie*.
HAUPTFRAGE der Romanistik (Miscelânea Becker). Heidelberg, 1922.

HERZOG, E. *Streitfragen der romanischen Philologie*. Halle, 1906-7.

JORDAN, Jorgu. *Introducere în studiul limbilor romanice*. Jaxi, 1932.

JUD, J. *Neue Wege und Ziele der romanischen Wortforschung* (em *Wissen und Leben*, IX).

KRITISCHER Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie.

MEIER, Harri. *Die Entstehung der romanischen Sprachen und Nationen*.

MEILLET, A. *Les langues dans l'Europe Nouvelle*. 2^a ed. Paris, 1928.

MILLARDET, Georges. *Linguistique et dialectologie romanes*. Paris, 1923.

NEUBERT, Fritz. *Gegenwartsaufgaben der Romanistik*.

HUBSCHMID, J. *Praeromanica*. Berna, 1949.

PRINZIPIENFRAGEN der romanischen Sprachwissenschaft (Miscelânea Meyer-Lübke). Halle, 1910.

REVUE de dialectologie romane.

REVUE de linguistique romane.

REVUE des langues romanes.

RICHTER, Elise. *Beiträge zur Geschichte des Romanismus*, 1934.

RICHTER, Elise. *Zur Entwicklung der romanischen Wortstellung aus der Lateinischen*. Halle, 1903.

RIVISTA di Filologia Romanza.

ROHLFS, G. *Romanische Philologie*, tomo I, Heidelberg, 1950; tomo II, 1952.

ROMANCE Philology.

ROMANIA.

ROMANIC (THE) Review.

ROMANISCHE Forschungen.

ROMANISCHE Studien.

SAVJ-LOPEZ, Paolo. *Le origini neolatine*. Milão, 1920.

SEIDEL, A. *Einführung in das Studium der romanischen Sprachen*. Leipzig, [s/d.].

- SEYBOLD, Chr. *Die arabische Sprache in den romanischen Ländern* (no Grundriss).
- SPITZER, Leo. *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*. Halle, 1818.
- SPITZER, Leo. *Meisterwerke der romanischen Sprachwissenschaft*. 2 tomos. Munique, 1929 e 1930.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. Bolonha, 1949.
- VENDRYES, J. *Parlers romans* (em *Les langues du monde*).
- VOLKSTUM und Kultur der Romanen*.
- WARTBURG, W. von. *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume*. Halle, 1936.
- WARTBURG, W. von. *Die Entstehung der romanischen Völker*. Halle, 1939.
- ZEITSCHRIFT für Romanische Philologie*.

HISTÓRICO DA FILOLOGIA ROMÂNICA

BIBLIOGRAFIA:

NASCENTES, *Estudos filológicos*. 74-83; SEVER POP, *La dialectologie*, I, XXIII-LIV.

Desde a Idade Média, sempre houve, embora um tanto vaga, uma consciência da unidade românica.

Dante, no *De Vulgari Eloquentia* (século XIV) dá uma demonstração disso.

O velho gramático português Duarte Nunes de Leão, na *Ortografia da Língua Portuguesa*, ed. de 1864, p. 141, ressalta a analogia da língua portuguesa com as línguas latina, toscana (*sic*) e castelhana.

O Pe. Simão de Vasconcelos, nas *Notícias Curiosas e Necessárias das Cousas do Brasil*, ed. de 1824, p. 75, faz outro tanto.

Só no século XIX, porém, esta consciência tomou corpo.

Em 1804, Fabre d'Olivet afirma em sua *Dissertation sur la Langue Occitanique* que o provençal é o tronco comum do francês, do espanhol e do italiano e Carlos Luís Fernow afirma em seus *Römische Studien* que o falar do Friul forma, com o da região rética, uma língua especial e que o sardo é um falar intermediário entre o italiano e o espanhol.

O surgimento da lingüística nos começos do século XIX permitiu melhor visão dos fenômenos gerais apresentados pelas línguas românicas.

Em 1816 François-Just-Marie Raynouard começa a publicação de sua obra *Choix de Poésies Originales des Troubadours*, cujo primeiro tomo é *Grammaire de la Langue Romane*. O quinto e último tomo, saído em 1821, é a *Grammaire Comparée des Langues de l'Europe Latine*.

Raynouard, que Diez considerou o fundador da Filologia Românica, diz no discurso preliminar desta última obra que “il a existé, il y a plus de dix siècles, une langue qui, née du latin corrompu, a servi de type commun à ces langages” (o francês, o espanhol, o português e o italiano). Conta entre as línguas românicas a língua valáquia ou moldava (o romeno atual).

Além do *Choix*, Raynouard publicou *Eléments de la Grammaire Romane Avant l’an 1000, De l’Origine et de la Formation de la Langue Romane, Lexique Roman* (1838-44).

Atacando a idéia de Raynouard, Schlegel em 1818 nas *Observations sur la Langue et la Littérature des Troubadours* relacionou as línguas românicas com o latim vulgar.

Mais tarde, em 1835, Jorge Cornwall Lewis em *An Essay on the Origin and Formation of the Romance Languages* liquidou definitivamente a teoria de Raynouard.

Os estudos românicos progrediam.

Em 1831, Lourenço Diefenbach, em *Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, estudou a origem e o parentesco das línguas literárias românicas, tratando especialmente do rético e do sardo.

Em 1836 Frederico Diez Publica o primeiro tomo de sua monumental *Grammatik der Romanischen Sprachen* (fonética), a qual ia dar à Filologia Românica a sua verdadeira organização. O segundo tomo (morfologia) saiu em 1838.

Bernardino Biondelli descobre em 1840 a língua dálmata, quando trabalhava em seu *Atlante Linguistico d’Europa*.

Em 1844 sai o terceiro tomo da *Gramática* de Diez (sintaxe) e em 1852 o *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen*, que vem completar a gramática.

Depois de vinte anos de hibernação, a Filologia Românica sai do seu torpor em 1872 com a publicação do primeiro número da revista *Romania*, dirigida por Gaston Paris.

A *Romania* foi seguida em 1877 por outra revista importante, a *Zeitschrift für Romanische Philologie*, dirigida por Gröber.

Em 1880, apareceu o *Grundriss der Romanischen Philologie*, obra de caráter enciclopédico, coordenada por Gustavo Gröber.

Des anos depois, em 1890, Guilherme Meyer-Lübke publica o primeiro tomo de sua *Grammatik der Romanischen Sprachen* (fonética), que vem pôr em dia a de Diez.

Em 1891 sai o *Latein-Romanisches Wörterbuch*, de Körting, o qual nem superou o dicionário de Diez nem tornou dispensável o de Meyer-Lübke.

Em 1894 sai o segundo tomo da *Gramática* de Meyer-Lübke (morfologia).

Em 1899, o terceiro (sintaxe).

O mesmo Meyer-Lübke, em 1901, publica sua *Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft*.

Em 1910, Edouard Bourciez publica os *Éléments de Linguistique Romane*, obra de alto valor didático, a qual apresenta a originalidade de fazer o estudo da fase do latim vulgar e da fase românica primitiva preceder o das línguas atuais.

Em 1911 Meyer-Lübke entregou aos prelos o primeiro fascículo do seu monumental *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (mais conhecido sob a abreviatura REW), cujo último fascículo só sairia em 1920.

Além dos romanistas citados, muitos outros, vivos ou mortos, merecem menção: Manuel de Paiva Boléo, D. Ramón Menéndez Pidal, Américo Castro, Vicente García Diego, Amado Alonso, Graziadio Isaia Ascoli, Pier Enea Guarnerio, Paulo Savj-López, Júlio Bertoni, Mateus Júlio Bartoli, Clemente Merlo, Jorge Millardet, João Bourciez, Carlos Vossler, Max Leopoldo Wagner, Harri Meier, Frederico Krüger, Gerarl Rohlf, Jacó Jud, Carlos Jaberg, Adolfo Zauner, Alvin Kuhn, Valter von Wartburg, Léo Spitzer, Teodoro Guartner, Jacó Malkiel, Sever Pop, Jorgu Jordan, Serafim da Silva Neto, Holger Sten, Teodoro Maurer Jr.

A EXPANSÃO ROMANA. A ROMÂNIA. A EXPANSÃO ROMÂNICA

BIBLIOGRAFIA:

BOURCIEZ, §§ 37-40; **GRÖBER**, *Grundriss I*, 351; **SAVJ-LOPEZ**, *Orighni*, 45-96; **LAURAND**, *Manuel des études grecques et latines*, II, §§ 52-98.

Roma, pequena povoação do Lácio, fundada no século oitavo antes de Cristo, situada mais ou menos no centro da península itálica, desenvolveu-se a tal ponto que se assenhoreou de toda a península, ocupou as margens do Mediterrâneo, chegou às Ilhas Britânicas e quase até o Báltico, constituindo um dos maiores impérios que o mundo jamais conheceu.

A conquista da Itália Central se faz de 343 a 290 (guerras contra os samnitas); a da Itália Meridional, de 282 a 272 (guerra contra Pirro).

A primeira guerra púnica permite conquista fora da Itália: em 241 a Sicília se transforma em província romana. Seguem-se a Sardenha e a Córsega, em 238. Datam de então os começos da língua sarda.

A conquista da Ilíria data de 229 a 228; lançam-se os fundamentos da língua dálmata.

De 225 a 222 é a conquista da Gália Cisalpina (Itália Setentrional). Depois da segunda guerra púnica, em 206 a Espanha se torna província (começos do espanhol e do português).

Em 146, a Macedônia e a Grécia passam a constituir novas províncias e com a destruição de Cartago, na terceira guerra púnica, se cria a província da África.

De 125 a 118 o sul da Gália é conquistado (Província Narbonense, a Provença); datam daí os começos do provençal.

Seguem-se as conquistas das margens do Ponto Euximo, da Ásia Menor, da Síria.

De 58 a 51 ultima-se a conquista do resto da Gália (começos do francês).

Em 30 o Egito se torna província. Em 15 conquistam-se a Récia (começos do rético), a Vindelícia; em 13 a Nórica, em 9 a. D. a Panônia, em 50 a Bretanha, em 70 a Palestina, em 85 a Escócia e finalmente em 107 a Dácia (começos do romeno). Historiadores modernos preferem datar os começos do romeno dos séculos quinto e sexto, nos quais se deu a imigração, para o nordeste, de povos da Ilíria Meridional (Tiktin); a existência, porém, de remanescentes romanos na margem esquerda do Danúbio não é negada por esses historiadores.

Em seguida se conquistam a Arábia Petréia, a Mesopotâmia e a Armênia e, assim, o Império chega ao apogeu.

Depois da morte de Teodósio em 395, o Império se biparte entre os filhos deste imperador, ficando Honório com o Ocidente e Arcádio com o Oriente.

O império do Ocidente continuou até 475, quando Rômulo Augústulo é deposto por Odoacro, rei dos Hérulos.

Invasões bárbaras dão cabo do Império.

A ROMÂNIA

BIBLIOGRAFIA:

BOURCIEZ, § 42; **MEYER-LÜBKE**, *Introdução*, §§ 10-16; **GASTON PARIS**, *Romania*, I, 1; **CRESCINI**, *Romania*; **SAVJ-LOPEZ**, *Origini*, § 2; *Revista Lusitana*, XXXV, 23.

Dá-se o nome de România ao conjunto de regiões que pertenceram ao Império Romano e nas quais se falam línguas ou dialetos provenientes do latim.

România, em oposição a Barbária, terras de bárbaros, de estrangeiros.

A România, por causa das vicissitudes históricas, não corresponde exatamente ao Império Romano.

Divide-se em quatro partes:

O Centro, constituído pela Itália, com a Sicília, a Sardenha, a Córsega e a parte sul da Suíça;

A Ibero-România, constituída por Portugal com os Açores e a Madeira, e a Espanha com as Baleares;

A Galo-România, constituída pela França com as ilhas Anglo-Normandas, parte da Bélgica e parte da Suíça;

A Balcano-România, constituída pela Romênia com suas ilhas lingüísticas nos Balcãs e a antiga Dalmácia.

A Itália é a continuadora do Império, no solo e no homem, de modo que sua língua é a que mais se aproxima do latim.

Cumprir notar que na România também se falam línguas de origem não latina.

Assim, na Espanha encontramos o vasconço nas Províncias Bascas; em França o vasconço no sul da Gasconha, o céltico (bretão) na Bretanha, o flamengo no Norte, o alemão na Alsácia; na Itália, aqui e ali, o alemão (Tirol), o esloveno, o serbo-croata, o albanês, o grego.

Na Europa há línguas românicas faladas fora da România.

Assim, o italiano é falado na Iugoslávia (costa dálmata) e o romeno, na Iugoslávia, na Albânia, na Grécia, na Bulgária, na Hungria e na Rússia; o espanhol na Turquia.

Perderam-se muitas províncias do Império Romano: a Bretanha (Inglaterra) com a Caledônia (Escócia), grande parte da Germânia (Alemanha) e da Récia, a Nórica (Áustria), a Panônia (Hungria), grande parte da Ilíria, a Macedônia, a Trácia, a Cólquida (Rússia), a Ásia Menor, a Armênia, a Assíria, a Mesopotâmia (Iraque), a Arábia e toda a Costa setentrional da África, do Egito à Mauritânia.

A EXPANSÃO ROMÂNICA¹

BIBLIOGRAFIA:

SAVJ-LOPEZ, § 8; MEYER-LÜBKE, *Gram.*, I, § 4; *Introd.*, § 16, BOURCIEZ, § 330.

A perda das províncias imperiais teve sua compensação nos novos territórios que a humanidade civilizada incorporou em consequência dos descobrimentos marítimos feitos a partir do século XV, dos movimentos migratórios e das conquistas coloniais.

O português passou a ser falado na Madeira e nos Açores, em nosso país, nas colônias portuguesas dos Estados Unidos (New Bedford e Califórnia), nas províncias portu-

¹ Nestes cinquenta e dois anos depois que foi publicado este livro, muito se mudou a geografia política e lingüística do mundo e, por isto, nem sempre coincidem os países citados com os que atualmente existem, assim como também não coincidem sempre os limites dos que ainda existem.

guesas ultramarinas (Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique), na Índia (Goa, Diu, Damão etc.), na China (Macau), na Oceania (Timor).

O espanhol, nos países hispano-americanos, do México à Patagônia, em certos Estados norte-americanos do Oeste (Novo México, Arizona, Texas, Baixa Califórnia, Colorado), na ilha de Porto Rico, no Marrocos espanhol, nas Canárias, nas colônias africanas de Rio de Oro, Fernando Pó, Elobey, Ano Bom, Corisco, Guiné Espanhola, nas Filipinas.

O italiano se espalhou pela Eritréia, Somália, Líbia, Cirenaica e Tunísia.

O francês, pelo Canadá, pela Lusiânia, Haiti, Antilhas Francesas (Martinica, Dominica, Guadalupe, Désirade, Maria Galante, parte de Saint Martin), Guiana Francesa, Marrocos Francês, Argélia, Tunísia, Senegal, Congo Belga, ilhas de Madagascar, da Reunião e Maurício, na Índia (Pondichéry, Karikal, Yanaon, Mahé, Chandernagor), na Indo-China (Tonquim, Aname, Cochinchina, Camboja, Laos), na Oceania (Ilhas da Sociedade, Tuamotu, Tubuai, Gambier, Marquesas).

Mal aprendidas pelas populações das colônias, visando apenas à satisfação das necessidades mais elementares e usando dos meios mais simples, formaram-se em vários lugares os chamados dialetos crioulos.

São dialetos crioulos do português os falares dos naturais de Cabo Verde, Guiné, Golfo de Guiné, Diu, Damão, Mangalor, Cananor, Mahé, Cochim, Ceilão, Java, Malaca, Singapura (Leite de Vasconcelos).

Do espanhol, os de São Domingos, de Trinidad e das Filipinas.

Do francês, os da ilha Maurício, da Luisiânia, do Haiti, da Martinica, da Guiana, da ilha da Reunião e da Cochinchina.

**O PROBLEMA DA FILOLOGIA ROMÂNICA
DIFERENCIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS
LÍNGUAS E DIALETOS ROMÂNICOS**

BIBLIOGRAFIA:

DIEZ, *Gram.*, I, 1; MEYER-LÜBKE, *Gram.*, I, p. 7-18; *Introdução*, §§ 38-42, 13 e 1; BOURCIEZ, §§ 260, 262, 330, 399, 456, 510 e 511; SEVER POP, *La dialectologie*.

O problema da Filologia Românica é explicar as mudanças do latim nas línguas românicas e delimitá-las no tempo e no espaço.

No tempo: dada uma forma latina, chegar à forma românica resultante nas várias línguas, ou dada uma forma românica, chegar à forma latina correspondente.

Ex.: latim *patre* – português *pai*, espanhol *padre*, provençal *paire*, italiano *padre*, francês *père*; português *ontem* – latim *ad nocte(m)*.

No espaço: dado um fenômeno, caracterizá-lo nas várias línguas e depois sistematizá-lo.

Assim, estudando-se as transformações das explosivas surdas intervocálicas nas várias línguas, chega-se à conclusão de que a Itália Setentrional e a Balcano-România as conservam e o resto da România as sonoriza.

Várias causas concorreram para a diferenciação das línguas românicas.

Primeiro, o substrato encontrado pelo latim.

Embora pouco de positivo se tenha conseguido quanto ao assunto, não se pode deixar de admitir que, variando o substrato, o latim havia de variar.

Na Ibero-România houve um substrato celtibero e um ibero; na Galo-România, um celta, um lígure e um ibero; na Récia, um etrusco e um celta; na Dalmácia, um ilírio; na Córsega e na Sardenha um púnico; na Romênia um dácio.

Depois, a época em que cada região recebeu o latim. Desde 238 a.C., com a Sardenha e a Córsega, até 107, com a Dácia.

Depois, a proveniência dos colonos romanos, uns do sul, outros do centro, outros do norte.

Depois, as relações de ordem comercial, as condições políticas e eclesiásticas, a situação mesológica, o superstrato etc.

Dos três elementos característicos de uma língua, a estrutura morfológica, a sintaxe e o vocabulário, o primeiro é o mais importante em relação às línguas românicas.

São exemplos clássicos o romeno e o albanês.

O romeno, onde os elementos latinos não predominam quantitativamente, é uma língua românica.

O albanês, onde os elementos latinos sobrepõem o fundo das palavras originárias, não o é.

Sob certos aspectos, a sintaxe românica mais se aproxima de outras do que da latina.

A estrutura morfológica é o elemento decisivo.

As flexões nominais e verbais do romeno, as preposições e conjunções, com raras exceções, são de origem latina, o que não se dá no albanês.

A denominação de línguas românicas veio dos filólogos alemães; os franceses usaram a de línguas neolatinas. Raynouard chamou línguas da Europa Latina.

Diez admitia seis línguas românicas: o italiano, o espanhol, o português, o provençal e o valáquio (romeno).

A estas seis Meyer-Lübke acrescentou três: o sardo, o rético e o dálmata.

O catalão é considerado língua por muitos filólogos, dialeto do provençal por muitos. Não há unanimidade quanto a ele.

Numa extensão da fronteira entre o francês e o provençal, Ascoli estabeleceu um grupo lingüístico independente a que chamou franco-provençal, a que Suchier deu o nome de médio rodanês e Meyer-Lübke o de francês do sudeste. Apesar dos aspectos característicos deste grupo, eles não chegam a constituir propriamente uma língua.

Dialetos do português (Leite de Vasconcelos): continentais (interamnense, transmontano, beirão e meridional), insulares (açoriano e madeirense), ultramarino (brasileiro, indo-português, macaísta, português de Timor, português das costas da África). Há um codialeto, o galego.

Do espanhol: castelhano, asturiano, leonês, aragonês, andaluz, judeu-espanhol

Do provençal (Bourciez): provençal propriamente dito (dividido em rodanês, marselhês e alpino), alvernês, limosino, quercinol, ruerguês, languedociano, baixo languedociano, delfinês, gascão e catalão.

Do italiano (Merlo e Bertoni): setentrionais (piemontês, ligúrio, lombardo, veneziano, emílio-romanholo), toscanos, centro-meridionais (divididos em quatro zonas, sendo Roma o centro da primeira, achando-se na segunda a Apúlia, a Calábria na terceira e a Sicília na quarta).

Do sardo (Bottiglioni): logudorês, campidanês, sassarês, galurês e nuorês.

Do rético: romancho (dividido em sobresselvano e subselvano), engadino (dividido em alto e baixo e no falar do vale de Münster), tirolês e furlano.

Do romeno (Pop): daco-romeno, o romeno propriamente dito (Bucareste), aromeno ou macedo-romeno, megleno-romeno e istro-romeno.

Do dálmata, língua que desapareceu em 10 de junho de 1898 com a morte de Antônio Udina: velhoto e ragusano.

Do francês (Bourciez): normando, picardo, valão, champanhês, loreno, francocondadense, borguinhão, santongês, pictavino, angevino, franciano (Paris), anglo-normando.

O franco-provençal compreende em França o saboiano, na Suíça os falares de Neuchâtel, Friburgo, Vaud, Genebra e o Valais (a chamada Suíça romanda), na Itália os altos vales das vertentes dos Alpes, do Grande São Bernardo às nascentes dos afluentes do Pó.

O LATIM VULGAR

BIBLIOGRAFIA:

DIEZ, *Gram.*, I, 1-50, MEYER-LÜBKE, *Gram.*, I, 5-7; SCHUCHARDT, *Der Vokalismus des Vulgärlatein*; MOHL, *Introduction à la chronologie du latin vulgaire*; GRANDGENT, *An introduction to Vulgar Latin*; SILVA NETO, *Fontes do latim vulgar – O Appendix Probi*; BOURCIEZ, §§ 41-42; DU CANGE, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*.

Em Roma, ao lado do latim dos literatos, o latim clássico de Virgílio e Cícero em suas obras (*sermo nobilis, sermo urbanus*), havia o latim popular, o latim vulgar, do povo inculto (*sermo plebeius, sermo vulgaris, sermo cotidianus, sermo rusticus*).

Foi o latim vulgar dos soldados, colonos e mercadores o que se propagou à comunidade romana.

Dele possuímos hoje menos documentos do que do latim clássico.

Encontramos restos nas comédias de Plauto e Terêncio, no *Satyricon* de Petrónio, na *Silviae vel potius Aetheriea peregrinatio ad loca santa*, atribuída a uma freira da Península Ibérica, na *Mulomedicina Chironis*, de Cláudio Hermério, no *Appendix Probi*, lista de erros compilados por um gramático, nas inscrições, nas várias glosas, de Silos, de Cassel, de Reichenau etc.

O acento musical do latim clássico foi sobrepujado pelo acento de intensidade no latim vulgar.

O acento conservou em geral no latim vulgar a posição que ocupava no latim clássico.

Houve, porém, várias exceções.

Assim, no caso de vogal precedendo *muta cum liquida*, onde a quantidade era breve na prosa e comum no verso, no latim vulgar a sílaba se tornava longa e o acento passa-

va a recair sempre nela: colúbra- espanhol *culebra*, francês antigo *coluevre*. O grupo *br* admitiria uma separação *co-lub-ra*, que, fechando a sílaba *lu*, a tornou longa.

O *i* e o *e* em hiato, acentuados, transportaram no latim vulgar a acentuação para a vogal seguinte, de acordo com a lei de Horning, segundo a qual de duas vogais que se encontram, a mais sonora é que vem a ser a predominante: *linteólu* > português *lençol*, francês *linceuil*; *muliéres* > português *mulheres*, espanhol *mujeres*. Escansões de versos de poetas da decadência comprovam o fato: *filióli magistro*, em Comodiano, *Instructiones*, 2, 26, 6; *fragiles mulieres*, em Dracôncio, *Carmina*, VIII, 508.

Nos verbos derivados prefixalmente o acento recaía por analogia na sílaba tônica dos simples quando este era percebido: *renégat* por influência de *négat*.

Em certos casos, embora não se percebesse o simples, sentia-se todavia a natureza de derivado e a deslocação se dava: *recípit* > *recebe*.

Os demonstrativos *iste*, *ipse*, *ille* apresentavam tendência a fixar o acento na sílaba final; daí aféreses românicas mais tarde.

Os advérbios *illic* e *illac* igualmente, por analogia com *hic* e *hac*.

Deram-se deslocamentos especiais em algumas palavras, sobretudo de origem grega, tardiamente introduzidas ou eruditas: *ídolu*.

O esforço muscular impresso à sílaba acentuada deu como resultado em certos casos a atenuação das vogais das sílabas contíguas.

Este fato, já verificado no latim clássico (*valde* por *valide*, *lamna* em Horácio, *Odes*, II, 2, 2) se dava principalmente: entre uma labial e qualquer consoante (*dommus* em Santo Agostinho); entre uma consoante qualquer e uma líquida (*oclus* em Petrônio, *aspra* em Apuleu); entre uma líquida e outra consoante (*viridis* no *Appendix Probi*, *calmu* por *calamu*, *colpus* nas Glosas de Reichenau, *merto* numa inscrição gaulesa citada por Pirson); entre *s* e *t* (*postus* em Lucrécio, I, 1058).

O elemento intensivo do acento latino teve maior ou menor extensão nas várias línguas românicas.

Assim, no francês, onde a ação dele foi mais profunda, desapareceram os proparoxítonos e, com o abrandamento das vogais finais, criaram-se numerosos oxítonos.

No italiano e no romeno, onde a ação foi menor, conservaram-se muitos proparoxítonos.

As demais línguas ficaram numa posição intermédia, favorecendo os paroxítonos.

As cinco vogais latinas podiam ser longas ou breves, sendo fechadas as longas e abertas as breves.

Essa diferença quantitativa se foi perdendo. Perdurou nas tônicas mais do que nas átonas.

Nas tônicas, a confusão aparece desde o segundo século, não foi geral antes do quarto e do quinto, completando-se antes do fim do sexto.

Nas átonas, começou no segundo século, desaparecendo lá para o terceiro ou quarto.

A diferença quantitativa, embora sem o rigor romano, não deixa de existir nas línguas românicas. É evidente que o *a* tônico da palavra portuguesa, espanhola, provençal e italiana *casa* tem menor duração que o átono. O português de Portugal, o francês e o romeno têm vogais brevíssimas: *menino* (m'nino), *cela*, *casă*.

Desaparecida a diferença quantitativa, ficou somente a qualitativa para distinguir as vogais do latim vulgar.

O *e* longo (ē) deu um *e* simplesmente fechado, o *e* breve (ĕ) um aberto, o *o* longo (ō) um fechado, o *o* breve (ĕ) um aberto, o *i* breve (ĭ) um *e* fechado, o *u* breve (ŭ) um *o* fechado. O *a* longo (ā) e o *a* breve (ă) se confundiram, o *i* longo (ī) permaneceu como *i* e o *u* longo (ū) como *u*.

Ex.: *cera* > português *cera*, *dece* > *dez*, *totu* > *todo*, *rosa* > *rosa*, *site* > *sede*, *lupu* > *lobo*, *pace* > *paz*, *faba* > *fava*, *vita* > *vida*, *luna* > *lua*.

O *u* breve conservou no romeno e no sardo o timbre e o *i* breve só conservou no sardo: *gula* > romeno *gura*, sardo *gula*, *siccu* > romeno *sec*, sardo *sikku*.

As átonas abertas foram substituídas por fechadas.

Os ditongos *ae* e *oe* se motongaram, dando um *é* aberto o primeiro e um *e* fechado o segundo: *caelu* > *celu* > *céu*; *poena* > *pena*.

O *i* breve (ĭ) e o *e* breve (ĕ) átonos em hiato tomaram o valor da semiconsoante *y*: *facio* > *fakyo*, *vinea* > *vinya*.

O *u* breve (ŭ) átono em hiato desapareceu depois de *n*, de consoantes dobradas ou de grupo consonântico: *januariu* > *janeiro*, *battuere* > *bater*, *mortuu* > *morto*.

O latim vulgar possuía as consoantes seguintes: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t* e mais as semiconsoantes *y* e *w*.

Havia um *h*, símbolo meramente ortográfico. As semiconsoantes eram representadas por *i* e *u*. A oclusiva velar surda era representada por *q* diante de *u* semiconsoante. O *x* valia por uma dupla (*k* + *s*), o *y* se usava na transcrição de palavras gregas e o *z* igualmente.

No fim da sílaba o *l* era velar e diante de *c*, *g* o *n* também o era.

A partir do segundo século, as inscrições mostram que o *s* impuro (o inicial seguido de outra consoante) provocava a prótese de um *i* ou de um *e*: *iscola* (CIL VI, 32965), *espiritum* (CIL IX, 6408).

O *m* final deixou de proferir-se: acusativo *porta* (m).

O grupo *ns* perdeu o elemento nasal: *mensa* – português e espanhol *mesa*.

Diante de *e* e de *i* o *c* velar palatalizou-se em toda a România com exceção da Sardenha e da Dalmácia, dando: *k-ky-ty-tch* (italiano, romeno e rético) ou *ts*, depois de *s* (português, espanhol, provençal e francês, sendo no espanhol moderno uma interdental).

Diante de *e* e de *i*, o *g* velar seguiu evolução paralela, dando: *y – g – dj* (italiano, rético e romeno) – *j* (português, provençal, francês). O espanhol parou na primeira etapa. Diante de *a* ou de *e* tônicos se conserva: *jacet > yace*, *generu > yerno*; diante das mesmas vogais quando átonas, a fricativa se perde: *januariu > enero*, *germanu > ermano*, hoje escrito *hermano*. Diante de *o*, ou de *u*, a fricativa perde o *s* eu molhamento e se transforma em *j* (pronunciado como em português no antigo espanhol), que depois se transformou num som velar surdo: *jocu > juego*, *juliu > julio*; por exceção o *y* se conservou em *jugu > yugo* e se perdeu em *jungere > uncir*. O *i* breve (ĩ) e o *e* breve (ě) átonos, em hiato e palatalizados, contaminaram o *c* e o *t* que os precediam (*facio > fakyo*, *ratio > ratyo*, *puteu > putyu*) e desde cedo os grupos *ky* e *ty* tenderam a confundir-se, como se vê das grafias *terminaciones*, *mendatium*.

Dy e *gy* postônicos e intervocálicos reduziram-se a um *y* (*podiu-* > poyu*, *corrigia-* > correya*) que evoluiu diversamente (português *poio*, *correia*, italiano *poggio*, *coreggia*).²

Ly e *ny* tenderam a formar um só som, um *l* e um *n* molhados.

Rs assimilou o *r* ao *s*, sobretudo na Ibero-România: *persica no pessica*, diz o *Appendix Probi*. Cf. *ursu* – espanhol *oso*, *persona* – português *pessoa*.

A morfologia do latim vulgar se caracteriza por uma tendência analítica que se foi tornando cada vez maior.

Os casos foram desaparecendo, substituindo-se por perífrases por meio de preposições.

O nominativo e o acusativo, casos muito empregados, mantiveram-se. O genitivo foi substituído pela preposição *de*, o dativo sofria a concorrência da preposição *ad*. O a-

² Os asteriscos, nestas palavras, parece indicarem que são formas hipotéticas. Hoje, este sinal é convencionado para este sentido, mas colocado antes, e não depois, da forma hipotética. Hoje, são grafadas como **podiu-* e **corrigia-*, respectivamente.

blativo confundiu-se com o acusativo. O vocativo igualou-se completamente com o nominativo.

As declinações reduziram-se a três.

A quarta se confundiu com a segunda, havendo já no latim clássico aproximações com *senatus, senati, domus, domi*.

A quinta, com a primeira, havendo já no latim clássico dualidades como *materies > matéria, luxuries > luxúria*, passando algumas palavras para a terceira (*facies > face, species > espécie, fides > fé*).

Desapareceu o gênero neutro. Os neutros em *-u* confundiram-se com os masculinos da segunda declinação; os plurais em *-a*, com os femininos da primeira. Os adjetivos passaram a apresentar somente duas formas: *-u* e *-a*, para masculino e feminino, e *e-* para ambos os gêneros: *bonu, bona, forte*.

O comparativo e o superlativo passaram a ser realmente expressos por formações analíticas (*plus, magis, multum*), já usadas no latim clássico.

Demonstrativos como *is, idem, hic* foram rareando. Apareceram reforços com *ecce, *accu. Ille* foi sendo empregado como artigo definido.

Usavam-se pronomes como *eo* em vez de *ego*, *voster* em vez de *vester*.

As conjugações se reduziram a três, fundindo-se a segunda, em *-ēre*, com a terceira, em *-ĕre*.

Perderam-se uns tantos tempos; criaram-se outros, por meio de perífrases com *habere* e o particípio passado e com *habere* e infinitivo.

Os depoentes passaram a ativos.

A passiva sintética foi substituída pela voz reflexa e por perífrases com *esse* e outros auxiliares.

A ordem das palavras também sofreu alteração. O determinante, em vez de preceder, passou a seguir o determinado. Assim, *liber Petri* de preferência a *Petri liber*. O verbo deixou de ocupar preferentemente o fim da frase.

A conexão sindética das proposições passou a usar-se com mais frequência. As integrantes formadas por acusativo mais infinitivo, usadas com os verbos intelectivos, foram substituídas por proposições encabeçadas por *quod* usadas com os verbos afetivos, outro tanto se dando com as encabeçadas por *ut*, usadas com os verbos volitivos.

Várias conjunções como *ac, atque*, enclítica *-que, vel, seu, sive, sed, at, tamen, quare, quia, ut, quamvis, etsi* e outras vão-se tornando raras.

Grandes diferenças lexicais havia entre o latim clássico e o vulgar. *Focus* era usado no latim vulgar com o valor de *ignis*, do latim clássico. *Collocare*, no latim vulgar, restringiu o sentido, passando a significar “deitar-se”. *Ambulare* ampliou para o sentido de “andar”. O latim vulgar usava *caballus* em vez de *equus*.

FONÉTICA

Vocalismo

O vocalismo românico dependeu do acento.

Segundo o acento, as vogais se classificam em tônicas e átonas.

As tônicas, que são fortes, resistem, conservam-se na maioria dos casos.

As átonas, que são fracas, cedem, enfraquecem-se chegando ao ponto de desaparecer, embora em certos casos se possam conservar.

Além do acento, há outras influências, tais como a natureza da sílaba (aberta ou fechada), as consoantes que cercam a vogal, o número de sílabas átonas que seguem a tônica e a qualidade das respectivas vogais, o lugar das átonas antes ou depois do acento (iniciais, protônica, postônicas e finais).

Vogais tônicas livres

As vogais tônicas livres do latim vulgar conservaram-se no português.

Conservaram-se também no provençal antigo, mas no moderno o *o* e o *u* fechados se alteraram. No francês só se conservou o *i*.

Em espanhol, italiano e francês houve ditongações

Latim vulgar	a	æ	ɛ	i	ɔ	o	u
Português	a	e	e	i	o	o	u
Espanhol	a	ié	e	i	ué	o	u
Provençal	a	e	e	i	o	u	u
Italiano	a	e	e	i	uó	o	u
Francês	e	ié	uá	i	ö	ö	ü
Romeno	a	e	e	i	o	o,u	u

Exemplos:

latim *pratu* > português e espanhol *prado*, provençal e romeno *prat*, italiano *prato* e francês *pré*.

latim *acetu* > português *azedo*, espanhol *acedo*, provençal *azet*, italiano *aceto*; *me* > português *me*, francês antigo *mei*, moderno *moi*; *secreto* - romeno *secret*.

latim *celu* > português *céu*, espanhol e italiano *cielo*, provençal *cel*, francês *ciel*, romeno *cer*;

latim *vinea* > português e provençal *vinha*, espanhol *viña*, italiano *vigna*, francês *vigne*, romeno *vié*;

latim *votu* > português *bodo*, espanhol *boda*, provençal *vot*, italiano *voto*; *nodu* > francês *noeud*, romeno *nod*; *lutu* – romeno *lut*.

latim *novu* > português *novo*, espanhol *nuevo*, provençal *nou*, italiano *nuovo*, francês antigo *nuef*, francês moderno *neuf*, romeno *noŭ*;

latim *murū* > português, espanhol e italiano *muro*, provençal, francês e macedo-romeno *mur*;

O romeno, assim como o sardo, faz distinção entre o *o* fechado proveniente de *o* longo e o proveniente de *u* breve. O primeiro dá *o* e o segundo dá *u*: logudorês *flore* > *fì-*
ore, *lutu* > *ludu*; romeno *nudu* > *nod*, *lutu* > *lut*.

O sardo ainda distingue o *e* fechado proveniente de *e* longo e o proveniente de *i* breve. O primeiro dá *e* e o segundo dá *i*: *velu* > *belo*, *fide* > *fide*. A ditongação explica-se do seguinte modo:

No fim da época imperial houve uma tendência para pronunciar longas todas as vogais tônicas, abertas ou fechadas.

O *e* aberto e o *o* aberto foram as vogais mais sujeitas a esta tendência.

A tendência se fazia sentir nas vogais livres.

A vogal longa se desdobrava e o segmento novo vinha a dar num som mais fechado.

Assim, *e* aberto, longo e tônico, dava *eE*, depois *îE*; *o* aberto, longo e tônico, dava *oO*, depois *uO*, *e* fechado, longo e tônico, dava *Ee*, depois *Ei* e *o* fechado, longo e tônico, dava *Oo*, depois *Ou*.

Vogais tônicas entravadas

As vogais tônicas entravadas do latim vulgar conservaram-se no português e no italiano.

No espanhol, o *e* aberto e o *o* aberto ditongaram-se em *ie* e *uo*, depois *ue*. No francês e no provençal, o *o* fechado, depois de ditongar-se em *ou*, reduziu-se a *u* e o *u* fechado tornou-se *ü*.

No romeno, o *e* aberto ditongou-se em *ie*.

Como se deu com as tônicas livres, o romeno e o sardo distinguiram o *o* fechado proveniente de *o* longo e o proveniente de *u* breve. O primeiro dá *o* e o segundo dá *u*: logodorês *portu* > *portu-*, *furca* > *furka*; romeno *rostru* > *rost*, *furca* > *furcă*. O sardo ainda distingue o *e* fechado proveniente de *e* longo e o proveniente de *i* breve: *ferru* > *ferru*, *lingua* > *limba*.

A ditongação com estas vogais supõe partição silábica em que a consoante implorativa dava à vogal a situação de livre: *po-rta* (*pue-rta*) e não *por-ta*.

latim vulgar	a	ɛ	ɛ	i	ɔ	ɔ	u
português e italiano	a	ɛ	e	i	o	o	u
espanhol	a	ie	e	i	ue	o	u
francês e provençal	a	e	e	i	o	u	ü
romeno	ă	ie	é	i	o	u	u

Exemplos:

latim *caballu* > português *cavalo*, espanhol e italiano *caballo*, provençal *caval*, francês *cheval*, romeno *cal*;

latim **metto* > português e espanhol *meto*, provençal e francês antigo *met*, italiano *metto*, romeno *trimet* (de *transmitto*);

latim *ferru* > português e italiano *ferro*, espanhol *hierro*, provençal e francês *fer*, romeno *fier*;

latim *mille* > português, espanhol, provençal e francês *mil*, italiano *mille*, romeno *mie* (do plural *millia*);

latim *corte* (por *cohorte*) > português, espanhol e italiano *corte*, provençal *cort*, francês *cour*; *rostru* > romeno *rost*, *bucca* > *bucă*;

latim *grossu* > português e italiano *grosso*, espanhol *grueso*, provençal, francês e romeno *gros*;

latim *justu* > português e espanhol *justo*, provençal e francês *juste*, italiano *giusto*; *fuste* > romeno *fust*.

Vogais átonas

Com as sílabas não acentuadas cumpre fazer distinção entre sílaba inicial dos trissílabos paroxítonos e a dos polissílabos (chamada paratônica por Zauner) e as demais sílabas átonas.

Aquelas são subacentuadas: *sapere, veritate* (sílabas *se* e *ve*). As vogais das sílabas iniciais se proferiam com uma nitidez que lhes preservava o apagamento. Raramente sofriam aféreses.

latim vulgar	a	e	i	o	u
português	a	e	i	o	u
espanhol	a	e	i	o	u
provençal	a	e	i	u	ü
italiano	a	i	i	o	u
francês	a	e	i	u	ü
romeno	a	e	i	u	u

Exemplos:

latim *a* - *carbone* > português *carvão* (em Portugal, passa a *ə* depois do século XVI, mas no Brasil conservou o som), espanhol *carbón*, provençal *carbó*, italiano *carbone*, francês *charbon*, romeno *cărbune* (conserva-se quando começa diretamente o vocábulo: *argentu* > *argint*).

latim *e* - (o *e* aberto e o fechado se confundiram) - **cercare* > português *cercar* (no Brasil conservou-se quando entravado, reduzindo-se quando livre: *securu* > *seguro, siguro*), espanhol e provençal *cercar*, italiano *cercare* (porque o *e* é entravado, se fosse livre daria *i*: *nepote* > *nipote*), francês antigo *cherchier*, francês moderno *chercher* (conservou-se por ser entravado; se fosse livre daria *e*: *fenestra* > *fenestre, fenêtre*), romeno *cercare*.

latim *i* - *hibernu* > português *inverno*, italiano do norte *inverno* (*verno* no do sul), espanhol *invierno*, provençal *invern*, francês *hiver*, romeno *iarnă*;

latim *o* - (o aberto e o fechado se confundiram) - **potere* > português *poder* (com *o* reduzido em Portugal, mas fechado no Brasil), espanhol e provençal *poder*, italiano *potere*, francês *pooir, pouvoir*, romeno *puteă*;

latim *u* - *judicare* > português *julgar*, espanhol *jusgar*, provençal *jutgar*, italiano *giudicare*, francês *juger* (passando a *ü*), romeno *judecă*.

Nas vogais finais a regra é o enfraquecimento, que às vezes chega à apócope.

latim vulgar	a	e	i	o, u
português	a	-	e	o
espanhol	a	-	e	o
provençal	a	-	-	-
italiano	a	eĭ	i	o
francês	e	-	-	-
romeno	a	e	i	-

Exemplos:

latim *a* - *rota* > português e provençal *roda* (com *a* reduzido em Portugal, mas *a* aberto no Brasil), espanhol *rueda*, italiano *ruota*, francês *roue* (*e* mudo), romeno *roată*.

latim *e* - *clave* > português *chave* (reduzido em Portugal, mas *i* no Brasil; se o *e* não pudesse formar sílaba com a consoante anterior teria caído: *sale* > *sal*), espanhol *llave* (porque o *e* pode formar sílaba com a consoante anterior; mas *sale* > *sal*, *civitate* > *ciudad*), provençal *clau*, italiano *chiave*, *venit(t)* > *viene*, *hodie* > *oggi* (*e* breve e *i* breve dão *e*; *e* longo dá *i*), romeno *cheie*.

latim *i* - *viginti* > português *vinte* (*e* reduzido em Portugal, *i* no Brasil), espanhol *veinte*, provençal *vint*, italiano *venti*, francês *vint*, *vingt*, romeno *grossi* > *grosi* (*i* mudo). Em provençal e em francês, desaparece, mas atua na vogal da sílaba tônica, quando possível (*feci* > provençal antigo *fis*, francês antigo *fiz*), e em romeno, na consoante precedente (*toti* > *toti*).

latim *o* - *canto* > português *canto* (*o* reduzido desde o século XVI, em Portugal), espanhol *canto*, provençal *cant(t)*, italiano *canto*, francês *chant*, francês moderno *chante*, romeno *cânt*;

latim *u* - *caballu* > português *cavalo* (*o* reduzido em Portugal), espanhol *caballo*, provençal *caval*, italiano *cavallo*, francês *cheval*, romeno *cal*.

Vogais protônicas

A subacentuação das paratônicas divide os polissílabos em duas partes (*veritate* = *veri tate*); daí serem as vogais protônicas, isto é, entre a paratônica e a tônica, tratadas como finais, sofrendo frequentemente síncope.

Ex.: *veritate* > português *verdade*, espanhol *verdad*, provençal *verdat*, italiano *verità*, francês antigo *verté*, francês moderno *vérité*, romeno *septimana* > *săptămînă*.

Vogais postônicas

A postônica dos paroxítonos, isto é, a vogal entre a tônica e a final, tende a cair desde o latim vulgar entre *r* e *m*, *r* e *d*, *l* e *p*, *s* e *t* e em *dominu* (*domnu* já em C.I.L. IV, 1665), mantendo-se às vezes em italiano e romeno, que são línguas proparoxítonas.

Ex.: *viride*, **virde* > português *verde*, espanhol *verde*, provençal *vert*, italiano *verde*, francês *vert*, romeno *verde*.

Ditongos

O ditongo *ae* deu um *e* aberto que recebeu o respectivo tratamento e o ditongo *oe*, um *e* fechado que também recebeu o tratamento comum.

Aparecia um ditongo *ai* na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: **amai* > português *amei*, espanhol *amé*, provençal *amei*, italiano *amai*, francês *aimai*, romeno **cantai* > *cîntai*.

O ditongo *au* conservou-se em romeno e no velho provençal (*audit* > provençal antigo *au*, romeno *aude*), passou a *ou* (*auru* > português *ouro*), reduzindo-se a *o* (certas partes de Portugal, Brasil, espanhol *oro*, italiano *oro*, francês *or*) e alternando com *oi* em certas partes de Portugal (*ouro* – *oiro*).

CONSONANTISMO

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.* I, 336-521, BOURCIEZ, *Elem.* §§ 165, 26-75, 404-8, 463-5, 514-7, ZAUNER, *Rom. Spr.*, I, §§ 42-57.

No consonantismo influi, sobretudo, a posição (consoantes iniciais, internas e finais).

Influi também a vizinhança das consoantes (isoladas, dobradas e agrupadas).

As consoantes iniciais em geral se conservam:

latim *ponte* > português e italiano *ponte*, espanhol *puente*, provençal e francês *pont*, romeno *punt*;

latim *corpus* > português e italiano *corpo*, espanhol *cuervo*, provençal *cors*, francês *corps*, megleno-romeno *corp*;

latim *tale* > português, espanhol e provençal *tal*, italiano *tale*, francês *tel*, romeno *tare*;

latim *bucca* > português e espanhol *boca*, provençal *bouco*, italiano *bocca*, francês *bouche*, romeno *bucă*.

latim *gustu* > português *gosto*, espanhol e italiano *gusto*, provençal *gost*, francês *goût*, romeno *gust*;

latim *dolere* > português *doer*, espanhol e provençal *doler*, italiano *dolere*, francês antigo *doloir*, francês moderno *douloir*, romeno *dureă*;

Exceções:

Em francês o *c* palatalizou-se diante de *a*, menos no dialeto picardo: *campu* > *champ*, picardo *camp*s.

O *c* diante de *e* e de *i* palatalizou-se em toda parte, menos no sardo:

latim *celu* > português *céu*, espanhol e italiano *cielo*, provençal *cel*, francês *ciel*, romeno *cer*; logudorês *kelu*;

latim *cingere* > português *cingir*, espanhol *ceñir*, provençal *cenher*, italiano *cingere*, francês *ceindre*, romeno *încinge*; logudorês *kingere*.

Em francês o *g* palatalizou-se diante de *a*: *gamba* > *jambe*.

O *g* diante de *e* e de *i* palatalizou-se em toda parte, menos no sardo:

latim *generu* > português *genro*, espanhol *yerno*, provençal *gendre*, italiano *genero*, francês *gendre*, romeno *ginere*;

latim *gingiva* > português e provençal *gingiva*, italiano *gingiva*, francês *gencive*, romeno *gingie*.

O *f* em espanhol e em gascão dá *h*:

latim *faba* > espanhol *haba*, gascão *habe*.

Em espanhol permanece diante de *r* e do ditongo *ue*:

latim *fronte* > *frente*, *focu* > *fuego*.

O *l* palataliza-se em catalão: *lana-llana*.

O *t*, o *d* e o *s*, diante de *i* ou *ie*, palatalizam-se em romeno: *terra* > *țară*, *dicit* > *zi-ce*, *septem* > *șapte*.

Consoantes internas e isoladas

As oclusivas surdas passam a sonoras, menos no romeno, no dalmata e no italiano do sul:

latim *securu* > português e espanhol *seguro*, provençal *segur*, italiano *sicuro*; *pacare* > aromeno *păca*, francês *payer* (o *g* passou a *y* no século VIII);

latim *vita* > português, espanhol e provençal *vida*, italiano *vita*, francês antigo *vide*, no século VIII *vie*; *ruta* > romeno *rută*;

latim *ripa* > português, espanhol e provençal *riba*, italiano *ripa* (no norte *riva*), francês antigo *ribe*, no século VIII *rive*, romeno *rîpă*.

O italiano do norte abranda, conservando todavia nos paroxítonos: *focu* > *fuocu*, *si-te* > *sete*, *caput* > *capo*.

Nas palavras de mais de duas sílabas o *t* e o *p* se conservam: **fratellu* > *fratello*, *nepote* > *nipote*.

As oclusivas sonoras em regra persistem, podendo também alterar-se ou desaparecer:

latim *plaga* > português *chaga*, espanhol *llaga*, provençal *plaga*, italiano *piaga*, francês *plaie* (no século VIII), romeno *plaga*. Protônico, desaparece em português, em espanhol e em italiano: *regale* > português e espanhol *real*, italiano *reale*;

latim *vadu* > português *vau*, espanhol *vado*, italiano *guado*, provençal *cauda* > *coza*, *desnudare* > *desnudar*; francês *cauda* > **cuede*, *queue*, romeno *laudare* > *lăuda*;

latim *faba* > português, provençal e italiano *fava*, espanhol *haba*, francês *fève*, romeno *fauă*;

Fricativas

latim *placere* > português *prazer*, espanhol *placer*, provençal *plazer*, italiano *piacere*, francês *plaire*, romeno *plăcea*;

latim *vicinu* > português *vizinho*, espanhol *vecino*, provençal *vezin*, italiano *vicino*, francês *voisin*, romeno *vecin*;

latim *lege* > português e provençal *lei*, espanhol *ley*, italiano *legge*, francês *loi*, romeno *lege*;

latim *rosa* > português, espanhol italiano e provençal *rosa*, francês *rose*; *casa* > romeno *casă*.

No italiano há vacilação: *rosa* com *s* sonoro ao lado de *casa* com ele surdo.

Vibrantes

latim *celu* > português *céu*, espanhol e italiano *cielo*, provençal *cel*, francês *ciel*, romeno *cer*.

O *l* caiu em português cerca do século XII, o que caracteriza esta língua entre as demais. Em romeno troca-se uma vibrante pela outra.

latim *pira* > português, espanhol, provençal e italiano *pera*, francês *poire*, romeno *pară*.

Nasais

latim *homo*, *homine* > português *homem*, espanhol *hombre*, provençal *home*, italiano *uomo*, francês *homme*, romeno *om*;

latim *luna* > português *lua*, espanhol, provençal e italiano *luna*, francês *lune*, romeno *lună*.

Caiu em português cerca do século XII, o que caracteriza esta língua entre as demais.

Consoantes finais

Cumpra distinguir nas palavras de mais de uma sílaba e nos monossílabos.

O *m* desapareceu desde a fase latina. Ex.: *rosam* > português *rosa*.

O *n* sofre apócope:

latim *nomen* > português *nome*, provençal e francês *nom*, italiano *nome*, romeno *nume*.

O *s* conserva-se, menos em italiano e em romeno:

latim *cantas* > português, espanhol e provençal *cantas*, francês *chantes* (soando até o século XIII); italiano *canti*, romeno *cînți*.

O *t* sofre apócope, exceto em sardo:

latim *cantat* > português, espanhol, provençal e italiano *canta*, francês *chante* (*chantet* até o século XIII), romeno *cînta*; sardo *cantat* e *cantad* (antes de vogal).

O *r* sofre metátese:

latim *semper* > português, provençal e italiano *sempre*, francês antigo *sempre(s)*, espanhol *siempre*; *inter* > romeno *între*.

A metátese não se dá no sardo nem em certos dialetos réticos:

latim *inter* > logudorês *inter*; *semper* > engadino *saimper*

Nos monossílabos:

latim *sic* > português antigo *si* (hoje *sim*), espanhol e francês *si*, italiano *sì*, romeno *și*;

latim *nec* > português *nem*, espanhol, provençal e francês *ni*, italiano *nè*;

latim *et* > português, espanhol, provençal, italiano, romeno e francês antigo *e*, francês moderno *et* (com *t* mudo).

Em espanhol, diante de *i* ou *hi* (nos outros casos, *y*); em provençal diante de consoante (*ez* diante de vogal); em italiano diante de consoante (*ed* diante de vogal); em francês antigo *ed* diante de vogal: *ed il*, depois *e*: *e il*, depois *et* por uma re[con]stituição erudita, embora o *t* não soasse: *et il*).

latim *aut* > português e francês moderno *ou*, espanhol, provençal e italiano *o*, francês antigo **oud*, romeno *aŭ*.

Em espanhol diante de consoante ou de vogal que não *o* (*u* diante de *o*), em provençal diante de consoante (*oz* diante de vogal), em italiano diante de consoante (*od* diante de vogal).

latim *ad* > português, espanhol, provençal, italiano e romeno *a*, francês *à*,

latim *sub* > português antigo e espanhol antigo *so*, romeno *su*.

O português moderno *sob* é forma refeita.

latim *per* > português antigo, provençal e italiano *per*, francês *par*, romeno *p(r)e*. No português atual há dois vestígios nas locuções *de per si* e *de permeio*.

latim *trans* > português *trás*, espanhol e provençal *tras*, francês *très*.

latim *rem* > português antigo e espanhol antigo *ren*, francês *rien*.

latim *cum* > português *com*, espanhol e italiano *con*, romeno *cu*.

latim *iam* > português *já*, espanhol *ya*, provençal *ja*, italiano *già*, francês antigo *ja*, *desja*, francês moderno *déjà*;

latim *in* > português *em*, espanhol, provençal e francês *en*, italiano *in*, romeno *în*;

latim *non* > português *não*, espanhol antigo e francês moderno *non*, provençal *no*, francês antigo *ne(n)*, italiano *non*, *no*, romeno *nu* diante de consoante, *num* diante de vogal.

Consoantes dobradas

Eram pronunciadas no latim vulgar com maior duração do que as simples.

Explosivas

Conservam-se em italiano: *saetta*, *bocca*, *ceppo*, *abbate*. Simplificam-se nas demais línguas, embora em algumas continuem na escrita: *abbate* > português *abade*, espanhol *abad*, provençal *abat*, francês antigo *abé*, francês moderno *abbé*.

Vibrantes

Conserva-se em italiano: *caballu* > *cavallo*.

Simplificam-se em português, provençal, francês e romeno: português *cavalo*, provençal *caval*, francês *cheval*, romeno *cal*.

Em romeno sofre síncope antes de *a*: *illa* > *ea*.

Em espanhol dá um *l* palatalizado: *caballo*.

O *rr* se conserva em italiano: *terra* > *terra*.

Em português, provençal, espanhol e francês passa com o valor de um *r* fortemente rolado: português e provençal *terra*, espanhol *tierra*, francês *terre*.

No romeno simplifica-se: *țară*.

Nasais

O *mm* se conserva em italiano: *flamma* > *fiamma*.

Simplifica-se nas demais línguas: português *chama*, espanhol *llama*, provençal *flama*, francês *flamme*, romeno *flamă*.

O *nn* se conserva em italiano: *annu* > *anno*.

Simplifica-se em português, provençal, francês e romeno: português *ano*, provençal, francês e romeno *an*.

Em espanhol dá um *n* palatalizado: *año*.

Consoantes agrupadas

Cumpram distinguir os grupos já existentes em latim dos de formação românica.

Grupos latinos iniciais

Oclusivas + l

latim *plenu* > português *cheio*, espanhol *lleno*, provençal *ple*, italiano *pieno*, francês *plein*, romeno *plin*;

latim *clave* > português *chave*, espanhol *llave*, provençal *clau*, italiano *chiave*, francês *clef*, romeno *cheie*;

latim *blasphemare* > português e espanhol *lastimar*, provençal *blasmer*, italiano *biasimare*, francês *blâmer*, romeno *blăstămare*;

latim *glande* > português *lande*, espanhol *landre*, provençal *glan*, italiano *ghianda*, francês *gland*, romeno *ghindă*.

Fricativa + l

latim *flamma* > português *chama*, espanhol *llama*, provençal *flama*, italiano *fiamma*, francês *flamme*, romeno *flamă*.

Oclusivas + r

latim *pratu* > português e espanhol *prado*, provençal e romeno *prat*, italiano *prato*, francês *pré*;

latim *credere* > português *crer*, espanhol *creer*, provençal *creire*, italiano *credere*, francês *croire*, romeno *crede*;

latim *trahere* > português *trazer*, espanhol *traer*, provençal *traire*, italiano *trarre*, francês *traire*, romeno *trage*;

latim *brachiu* > português *braço*, espanhol *brazo*, provençal *bratz*, italiano *braccio*, francês *bras*, romeno *brat*;

latim *granu* > português *grão*, espanhol e italiano *grano*, provençal *grá*, francês *grain*, romeno *grâu*;

latim *dracone* > português *dragão*, espanhol *dragón*, provençal *dragó*, italiano *dragone*, francês *dragon*, romeno *drac*.

Fricativa + r

latim *frenu* > português *freio*, espanhol e italiano *freno*, provençal *fré*, francês *frein*, romeno *frîu*.

Grupos latinos internos

Tratamento quase geral das sonoras como se fossem intervocálicas.

latim *capra* > português, espanhol e provençal *cabra*, italiano *capra*, francês *chèvre*, romeno *capră*;

latim *petra* > português *pedra*, espanhol *pedra*, provençal *peira*, italiano *pietra*, francês *pierre*, romeno *piatră*;

latim *acru* > português, espanhol e italiano *agro*, provençal *agre*, francês *aigre*, romeno *acru*;

latim *duplu* > português *dobro*, espanhol e provençal *doble*, italiano *doppio*, francês *double*, romeno *duplu*;

latim *oclu* > português *olho*, espanhol *ojo*, provençal *uelh*, italiano *occhio*, francês *oeil*, romeno *ochiũ*;

latim *triblare* > português *trilhar*, espanhol *trillar*, italiano *tribbiare*, romeno *trierà*;

latim *tegla* > português *telha*, espanhol *teja*, provençal *teula*, italiano *tegghi*, francês *tui-le*;

latim *fabru* > espanhol antigo *fabro*, italiano *fabbro*, provençal *faure*, francês antigo *fevre* (confronte francês moderno *orfèvre*), romeno *faur*.

Duas oclusivas

latim *ct* – assimilação em italiano, palatalização em português, espanhol, francês e provençal, labialização do *c* em romeno: *lacte* > português *leite*, espanhol *leche*, provençal *lach*, italiano *latte*, francês *lait*, romeno *lapte*;

latim *pt* – conservação em romeno, assimilação em italiano, assimilação e simplificação nas demais: *septem* > português *sete*, espanhol *siete*, provençal e francês antigo *set*, italiano *sette*, francês moderno *sept*, romeno *șapte*;

latim *x (k + s)* – *coxa* > português antigo *coixa*, português moderno *coxa*, espanhol *cojo*, provençal *cueisa*, italiano *coscia*, francês *cuisse*, romeno *coapsă*;

latim *gn* – *pugnu* > português *punho*, espanhol *puño*, provençal *ponh*, italiano *pugno*, francês *poign*, romeno *pumn*.

Grupos com inicial vibrante

Exemplos em l:

latim *alteru* > português *outro*, espanhol *otro*, provençal e francês *autre* (vocalização do *l* velar); italiano *altro*, romeno *alt*;

latim *talpa* > português *toupeira* (**talparia*), espanhol *topo*, provençal *taupa*, italiano *talpa*, francês *toupe*;

latim *alba* > português *alva*, espanhol e italiano *alba*, provençal *aub*, francês *aube*, romeno *albă*.

Exemplos com r:

latim *herba* > português *erva*, espanhol *hierba*, provençal *erba*, italiano *erba*, francês *herbe*, romeno *iarbă*;

latim *persona* > português *pessoa*, espanhol, provençal e italiano *persona*, francês *personne*.

Grupos com inicial nasal

latim *plumbu* > português *chumbo*, provençal e francês *plomb*, italiano *piombo*, romeno *plumb*; *lumbu* > espanhol *lomo*;

latim *somnu* > português *sono*, espanhol *sueño*, provençal *som*, italiano *sonno*, francês antigo *somme*, romeno *somn*.

Exemplo com *n*:

latim *mense* > português *mês*, espanhol, provençal e macedo-romeno *mes*, italiano *mese*, francês *mois*.

S + consoante:

O *s* se conserva em espanhol, provençal e italiano; também em romeno, exceto diante de *i*; em francês passa a uma aspiração que deixa de sentir-se no século XIII; em português dá uma chiante surda diante de surda e uma chiante sonora diante de sonora:

latim *costa* > português, provençal e italiano *costa*, espanhol *cuesta*; francês antigo *coste*, francês moderno *côte*, romeno *coastă*. Em romeno também dá chiante surda antes de surda seguida de *i*: *investire* > romeno *învести*.

O grupo *sc* diante de *e*:

latim *pisce* > português *peixe*, espanhol *pez*, provençal *peis*, italiano *pesce*, francês *poisson* (de um derivado), romeno *pește*

Grupos com a semiconsoante *w*

qu inicial diante de *a*:

latim *quale* > português e provençal *qual*, espanhol *cual*, italiano *quale*, francês *quel*, romeno *care*.

Interno:

latim *aqua* > português *água*, provençal *aiga*, italiano *acqua*, francês antigo *eve* (confronte *évier*) *eaue*, francês moderno *eau*, romeno *apă*.

qu inicial antes de *e* ou de *i*:

quem, qui > português *quem*, espanhol *quien*, provençal e francês *qui*, italiano *chi*, romeno *cine*.

gu inicial de derivação germânica:

latim *wardon* > português e espanhol *guardar*, provençal *gardar*, italiano *guardare*, francês *garder*;

latim **werra* > português, espanhol e italiano *guerra* (o *u* soa em italiano), francês *guerre*.

Interno diante de *a*:

latim *lingua* > português *língua*, espanhol *lengua*, provençal *lenga*, italiano *lingua*, francês *langue*, romeno *limbă*.

Interno diante de *e* ou de *i*:

latim **sangue* > português *sangue*, espanhol *sangre* (de *sanguine*), provençal *sanc*, italiano *sangue* (o *u* soa), francês *sang*, romeno *sînge*

Grupos com a semiconsoante *y*

latim *py* *apiu* > português *aipo*, espanhol *apio*, provençal *api*, italiano *appio*, francês *ache*;

latim *ky* *brachiu* > português *braço*, espanhol *brazo*, provençal *bratz*, italiano *braccio*, francês *bras*, romeno *braț*;

latim *ty* *paltea* > português *praça*, espanhol *plaza*, provençal *plasa*, italiano *piazza*, francês *place*; *pretiu* > romeno *preț*;

latim *ratione* > português *razão*, espanhol *razón*, provençal *razó*, italiano *ragione*, francês *raison*;

latim *by* *rubeu* > português *ruivo*, espanhol *rubio*, provençal *roge*, italiano *robbio*, francês *rouge*, romeno *roib*;

latim *gy* *corrigia* > português *correia*, espanhol *correa*, provençal *coreia*, italiano *coreggia*, francês *courroie*, romeno *cureà*;

latim *dy* *radiu* > português *raio*, espanhol *rayo*, provençal *rai*, italiano *raggio*, francês *rai*, romeno *rază*;

latim *ly* *filia* > português e provençal *filha*, espanhol *hija*, italiano *figlia*, francês *fille*, romeno *fie*;

latim *ny* *vinea* > português e provençal *vinha*, espanhol *viña*, italiano *vigna*, francês *vigne*, romeno *vie*;

latim *ry* *area* > português *eira*, espanhol *era*, provençal *aira*, italiano *aja*, francês *aire*, romeno *arie*;

latim *sy* *basiat* > português *beija*, espanhol *besa*, provençal *baisa*, italiano *bacia*, francês *baise*, macedo-romeno *bășare*, de *basiare*;

latim *prehensione* > português *prisão*, espanhol *prisión*, provençal *prezó*, italiano *prigione*, francês *prison*, romeno antigo *presoare* (prisioneiro).

Grupos românicos

Provêm de síncopes.

latim *mn* *femina, fem'na* > espanhol *hembra*, francês *femme*;

latim *mr* *camera, cam'ra* > francês *chambre*;

latim *humeru, hum'ru* > português *ombro*, espanhol *hombro*.

latim *nr* *cinere, cin're* > francês *cendre*;

latim *ponere habeo* > espanhol **pon'rayo, *ponré, pondré*;

latim *lr* *salire habeo* > espanhol **sal'raio, *salré, saldré*;

latim *valere habeo* > francês *vaudrai*;

latim *sr* *essere, ess're* > francês *estre, être*;

latim *ml* *simulare, sim'lare* > provençal *semblar*, francês *sembler*

Grupos de três consoantes

Dá-se a queda da medial:

latim *anxia* > português *ânsia*, espanhol e italiano *ansia*, provençal *aisa*, francês antigo *ainse*;

latim *masticare, mast'care* > português e espanhol *mascar*, francês *mâcher*;

latim *vendicare, vend'care* > português *vingar*, espanhol *vingar*, provençal *venjar*, francês *venger*;

latim *sanctu* > português, espanhol e italiano *santo*, provençal e francês *saint*, romeno antigo *sânt*.

MORFOLOGIA

O latim era uma língua sintética.

As línguas românicas são, entretanto, analíticas.

Aa razão é a seguinte: os povos sujeitos aos romanos e obrigados a falar o latim vulgar, não puderam assimilar aquele complicado sistema de desinências casuais e verbais, de modo que não houve outro recurso senão lançar mão de preposições e de formas compostas.

A tendência analítica domina toda a morfologia românica.

Ela se revela no desaparecimento dos casos, nos comparativos e superlativos analíticos, nos numerais de dezesseis a dezenove, nos tempos compostos, na passiva com o verbo *esse* etc.

SUBSTANTIVOS

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.* II, 5-79; BOURCIEZ, *El.*, §§ 94-6, 213-8, 299-302, 366-8, 427-9, 482-6, 526; SAUNER, *Rom. Spr.*, I, 115-25.

O gênero latino em geral se conserva nas línguas românicas. Vez por outra aparecem mudanças. Ex.: *Arbor*, que é palavra feminina em latim, é masculina em espanhol, *el árbol*, em italiano *l'albero*, e em francês, *l'arbre*; *dolor*, que é masculino em latim, é feminino em português, *a dor*, e em francês, *la douleur*.

O gênero neutro latino desapareceu, deixando raros vestígios.

Causas fonéticas determinaram este desaparecimento: o neutro da segunda declinação confundia-se com o masculino (*brachiu* ao lado de *capillu*, neutro o primeiro e mas-

culino o segundo). No plural a desinência *a* era igual à desinência *a* do nominativo singular da primeira declinação; daí os vocábulos *arma, armae, folia, foliae* etc.

Dos casos latinos dois eram muito empregados, o nominativo e o acusativo. O primeiro freqüentemente como sujeito, e o segundo, como objeto direto. O ablativo, já em latim, necessitava muitas vezes de uma preposição que lhe esclarecesse o sentido, de modo que as línguas românicas nada mais fizeram do que generalizar esse uso.

A preposição *de* veio a substituir a desinência do genitivo e a preposição *ad* a de dativo.

Ficaram, todavia, alguns vestígios dos casos desaparecidos.

Assim, por exemplo, o português e espanhol *Carlos* o francês *Charles*, o francês *chantre*, o francês *pâtre*, representam vestígio de nominativo. O francês *Aix*, o português *Sagres*, *Chaves*, representam vestígio de locativo.

O acusativo conservou-se durante muito tempo no francês antigo e no provençal antigo.

O dativo singular continua no romeno, valendo por dativo e também por genitivo: *case*.

O vocativo singular também se conservou em romeno: *doamne, doamno*.

O latim vulgar tinha três declinações: a primeira com o tema em *a*, a segunda com o tema em *o* e a terceira com o tema em *e* ou em consoante.

Primeira declinação: latim *capra*, plural *capre* (italiano e romeno *capre*), *capras* (português, espanhol e provençal *cabras*, francês antigo *chievres*).

Segunda declinação: Latim *caballus* (italiano *cavallo*, provençal *cavals*, francês antigo *chevaus*, romeno *cal*), *caballu* (português *cavalo*, espanhol *caballo*, provençal *caval*, italiano *cavallo*, francês *cheval*, romeno *cal*), plural *caballi* (italiano *cavalli*, provençal *caval*, francês *cheval*, romeno *caî*), *caballos* (português *cavalos*, espanhol *caballos*, provençal *cavals*, francês antigo *chevaus*, francês moderno *chevaux*).

Para desfazer a homonímia, o provençal e o francês fixaram mais tarde no singular as formas *caval* e *cheval* e no plural as formas *cavals* e *chevaus*.

Os substantivos da terceira declinação não se prestam a uma sistematização.

ADJETIVOS

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.* II, 80-92, BOURCIEZ, *Éléments*, §§ 97-8, 219, 303, 369, 430, 487, 526; ZAUNER, *Rom. Spr.*, I, 125-8.

Os adjetivos latinos pertenciam a três tipos: triformes (*bonus, bona, bonum*), biformes (*brevis, breve*) e uniformes (*felix*), formando três classes.

Os adjetivos românicos mantiveram geralmente as suas classes, diminuindo embora o número de formas:

latim *caru, cara* > português, espanhol e italiano *caro, cara*, provençal, *car, care*, francês *cher, chère*;

latim *breve* > português, espanhol e italiano *breve*, provençal *breu*, francês *bref*.

Todavia, houve mudanças de classe. Assim, por exemplo, *firmu*, que deu o italiano *fermo*, produziu no antigo francês e no provençal *ferm*, donde o português e o espanhol *firme*; *triste* que deu o português e espanhol *triste*, aparece em italiano sob a forma *tristo*.

Como nos substantivos, desapareceu o gênero neutro, deixando no espanhol um vestígio na forma substantivada do adjetivo (*lo bello*).

No português antigo os adjetivos em *-ês* não variavam para o feminino.

Ainda hoje há vestígios dessa invariabilidade: *cortês, pedrês* etc. Ela se manifesta ainda em advérbios em *-mente*: *cortesmente e portugues[a]mente*.

Em francês também houve adjetivos invariáveis de gênero, dos quais ainda há vestígios: *grand'mère, grand'messe, grand'chose* etc.

Também em advérbios em *-ment*: *ardemment, puissamment*.

As flexões de número são iguais às do substantivo.

O comparativo sintético latino desapareceu, sendo substituído por comparativo analítico formado com os advérbios *magis* e *plus*.

As formas com *magis* aparecem no português (*mais*) no espanhol (*más*), no provençal (*mais*) e no romeno (*mai*).

As formas com *plus* aparecem no português antigo (*chus*), no provençal e no francês (*plus*), no italiano (*più*), no rético (*plü*), no logudorês (*prus*) e no velhoto (*ple*).

Todavia, ficaram vestígios nos comparativos:

latim *meliore* > português e provençal *melhor*, espanhol *mejor*, italiano *migliore*, francês *meilleur*;

latim *pejore* > português *pior*, espanhol *peor*, provençal *pejer*, italiano *peggiore*, francês *pire*;

latim *majore* > português *maior*, espanhol *mayor*, provençal *maor*, francês antigo *maour*, francês moderno *maire*, italiano *maggiore*;

latim *minore* > português arcaico *meor*, português moderno e espanhol *menor*, provençal *menhor*, italiano *minore*, francês antigo *meneur*.

O superlativo sintético latino desapareceu.

Dos muitos advérbios usados no analítico, dominou *multo*, que aparece no português *muito*, no espanhol *mucho*, *muy*, no italiano *molto*, no francês antigo *molt*, no logudorês *multu*.

Nas línguas românicas apareceram outras formações: francês *très* (*trans*), *fort* (*forte*), *bien* (*bene*); provençal *ben* (*bene*), *forço* (*fortiu*), romeno *foarte* (*forte*), *prea* (*prae?*).

NUMERAIS

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.* II, 68-72, 559-62, BOURCIEZ, §§ 99, 220, 314, 370, 431, 488 e 496b; ZAUNER, I, § 62.

Cardinais

latim *Unu* > português *um*, espanhol e italiano *uno*, *un*, provençal, francês e romeno *un*.

Flexão feminina em todas as línguas: provençal *uno*, romeno *una*. Caso especial do português *uma*, com a bilabial nasal.

latim *duo*, *duos*, *duae*, *duas* > português *dois*; espanhol e provençal *dos*, italiano *due*, francês *deux*, romeno *doi*. Flexão feminina em português e em rético *duas*, em provençal *dos*, em romeno *două*;

latim *três* > português *três*, espanhol e provençal *tres*, italiano *trè*, francês *trois* e romeno *trei*;

latim **quattor* > português *quatro*, espanhol *cuatro*, provençal e francês *quatre*, italiano *quattro*, romeno *patru*;

latim *cinque* > português e espanhol *cinco*, provençal e francês *cinq*, italiano *cinque*, romeno *cinci*;

latim *sex* > português e espanhol *seis*, provençal *sèis*, italiano *sei*, francês *six*, romeno *șase*;

latim *septem* > português *sete*, espanhol *siete*, provençal *sèt*, italiano *sette*, francês *set* (hoje *sept*), romeno *șapte*;

latim *octo* > português *oito*, espanhol *ocho*, provençal *vue*, italiano *otto*, francês *huit*, romeno *opt*;

latim *novem* > português e italiano *nove*, espanhol *nueve*, provençal *nòu*, francês *neuf*, romeno *nouă*;

latim *decem* > português *dez*, espanhol *diez*, provençal *dès*, italiano *dieci*, francês *dix*, romeno *zece*;

latim *undecim* > português e francês *onze*, espanhol *once*, provençal *voung*, italiano *undici*;

latim *duodecim* > português *doze*, espanhol *doce*, provençal *douge*, italiano *dodici*, francês *douze*;

latim *tredecim* > português *treze*, espanhol *trece*, provençal *trege*, italiano *tre dici*, francês *treize*;

latim **quattordecim* > português e francês *quatorze*, espanhol *catorce*, provençal *quatorge*, italiano *quattordici*;

latim *quindecim* > português e francês *quinze*, espanhol *quinze*, provençal *quinge*, italiano *quindici*;

latim *sedecim* > provençal *sege*, italiano *sedici*, francês *seize*; *decem et sex* > português *dezasseis*, *dezesseis*, espanhol *diez y seis*;

latim *decem et septem* > português *dezassete*, *dezesete*, espanhol *diez y siete*, provençal *dèz-e-sèt*, italiano *diciasette*, francês *dix-sept*;

latim *decem et octo* > português *dezoito*, espanhol *diez y ocho*, provençal *dès-e-vue*, italiano *diciotto*, francês *diz-huit*;

latim *decem et novem* > português *dezanove*, *dezenove*, espanhol *diez y nueve*, provençal *dès-e-nòu*, italiano *dicianove*, francês *dix-neuf*.

No romeno, as dezenas se formam com a junção da unidade ao número dez, por meio da preposição *spre* (*super*): *unsprezece* (*un spre zece*), um sobre dez, *doisprezece* etc.

latim *viginti*, **vinti* > português *vinte*, espanhol *veite*, provençal *vint*, italiano *venti*, francês *vint* (hoje *vingt*);

latim *triginta* > português *trinta*, espanhol *treinta*, provençal *trento*, italiano *trenta*, francês *trente*;

latim *quadraginta* > português *quarenta*, espanhol *cuarenta*, provençal *quaranto*, italiano *quaranta*, francês *quarante*;

latim *cinquaginta* > português *cinquenta*, *cincoenta*, espanhol *cinquenta*, provençal *cinquante*, italiano *cinquanta*, francês *cinquante*;

latim *sexaginta* > português *sessenta*, espanhol *sesenta*, provençal *seissanto* ou *sieiscanto*, italiano *sessanta*, francês *soixante*;

latim *septuaginta* > português e espanhol *setenta*, provençal *setanto*, italiano *settanta*; o francês diz *soixante-dix*;

latim *octoginta* > português *oitenta*, espanhol *ochenta*, provençal *vuetanto* (ao lado de *quatre-vint* ou *quatre-vingt*), italiano *ottanta*;

latim *nonaginta* > português e espanhol *noventa*, provençal *nonanto*, italiano *novanta*.

No francês, em matéria de dezenas, ficaram vestígios, alguns dos quais ainda vivos, do sistema vicessimal céltico: 60 (*treis vinz*), 70 (*treis vinz et dis*), 80 (*quatre vinz*, *quatre-vingts*), 90 (*quatre vinz et dis*, *quatre-vingt-dix*), 120 (*sis vinz*) etc. As formas *septante* (*Version des Septante*), *octante*, *huitante* e *nonante* ainda vivem na Bélgica e na Suíça.

No romeno, por influência eslava, as dezenas se formam aglutinando as unidades a *zece*: 20 – *douazeci* (dois dez), 30 – *treizeci* etc.

latim *Centum* > português *cento*, *cem* e espanhol *ciento*, *cien*, provençal *cèn(t)*, italiano *cento*, francês *cent*. Em romeno *sutã*, plural *sute* (de origem eslava).

latim *Duzentos* > português *duzentos*, *duzentas*; italiano *dugento*;

latim *trecentos* > português *trezentos*, *trezentas*.

latim *quingentos* > português *quinhentos*, *quinhentas*, espanhol *quinientos*, *quinientas*.

As formas não indicadas se formaram da junção da unidade com a palavra designativa da centena: espanhol *doscientos*, *doscientas*; francês *deux cents*, italiano *cinquecento*, romeno *trei sute*.

latim *Mille* > mil em português, espanhol, provençal e francês; em italiano *mille*, plural *mila* (nova formação); em francês *mille*, em romeno *mie*, plural *miĩ* (*doi miĩ*, *trei miĩ* etc.).

Ordinais

Os ordinais são palavras mais ou menos eruditas.

latim *Primu* > italiano *primo*, rético e francês antigo *prim* (cf. *printemps, de preme a-bord*).

Cf. português *obra-prima, matéria prima, número primo*.

Derivado *primariu* > português *primeiro*, espanhol *primero*, provençal e francês *premier*.

latim *secundu* > português e espanhol *segundo*, provençal *segound*, italiano *secondo*, francês *segond*, rético *sehunt*;

latim *tertiu* > italiano *terzo*, rético *tierz*. Francês antigo *tierz* (cf. *tiers État*). Cf. português *terça-feira*.

Derivado *tertiariu* > português *terceiro*, espanhol *tercero*.

latim *Quartu* > português e italiano *quarto*, espanhol *cuarto*, francês antigo *quart*, rético *kuart*;

latim *quintu* > português, espanhol e italiano *quinto*, francês antigo *quint*, rético *kuint*;

latim *sextu* > português e espanhol *sexto*, italiano *sesto*, francês antigo *siste*;

latim *septimu* > português *sétimo*, espanhol *séptimo*, italiano *settimo*, francês antigo *setme*;

latim *nonu* > português e italiano *nono*, espanhol *nono* (ao lado de *noveno*, tirado do distributivo);

latim *decimu* > português e espanhol *décimo*, italiano *decimo*, francês antigo *disme*.

No provençal, os ordinais apresentam o sufixo que se encontra nos distributivos latinos: *unen, dousen, tresen, quatren, cinquen, seisen, seten, vuechen, nouven, desen*.

No rético, aparece um sufixo – *avel*, tirado de um **ottavel*: calcado em *octavus* e que teria dado a forma *terzavel, quartavel, tschuncavel, sinzavel, settavel* etc.

No romeno, o primeiro ordinal é tirado de um latim **antaneus* derivado de *ante*: *îtiîŷ*. Os demais formam-se do cardinal com duplo artigo: *al doile, a doua, al treile, a treia* etc.

No francês, a terminação de *setme* influenciou dando *uitme, nuefme*, e a de *disme* produziu um sufixo que apareceu em *deusisme, troisisme* etc., mais tarde *deusiesme, troisisme* etc., por cruzamento com um sufixo –*esme*, tirado do latim –*esimus*. Cf. *vicesimus, tricesimus* etc.). Modernamente –*ième*: *unième, deuxième, troisième* etc.

Os fracionários, com exceção de *mediu*, que deu português *meio*, espanhol *medio*, provençal *mieg*, italiano *mezzo*, francês *mi* e romeno *miez*, geralmente são expressos por ordinais. De 11 em diante, excetuadas as potências de 10, o português e o espanhol empregam os cardinais, seguidos de uma palavra *avos*, tirada de *oitavos*, *octavos*, considerados como *oit'avos*, *oct'avos*: 11 *avos*, 12 *avos* etc.

Dos distributivos, salvo o caso do espanhol *noveno* e o de alguns ordinais provençais, só passou *singulos*, que deu *senhos* e *sendos* no português e no espanhol antigos.

Dos multiplicativos, só passou *duplu* > português *dobro*, espanhol e provençal *double*, italiano *doppio*, francês *double*. Os demais são formas eruditas.

PRONOMES

BIBLIOGRAFIA:

BOURCIEZ, §§ 100-5, 221-5, 305-10, 371-6, 432-7. 489-93, 527, 556.
ZAUNER, I, § 63. MEYER-LÜBKE, *Gram.*, II, 99-150.

Mais do que os substantivos, os pronomes preservaram a flexão casual e o gênero neutro.

Pessoais

Formas tônicas

1ª pessoa do singular: *eo* > português e romeno *eu*, espanhol *yo*, provençal *ieu*, italiano *io*, francês antigo *jo*, *je* (tônico, mas hoje átono), rético *iou*. *Mihi* > português antigo *mi*, hoje *mim*, espanhol *mí*, romeno *mie*, rético *mi*. *Me* > português, provençal, e italiano *me*, francês *moi*, romeno *mine*, rético *mei*.

2ª pessoa do singular: *tu* > português, provençal, italiano, francês e romeno *tu*, italiano *tú*, rético *ti*, *tü*. **Tihi* (análogo com *mihi*) > português e rético *ti*, espanhol *tí*, romeno *ție*. *Te* > português, provençal e italiano *te*, francês *toi*, romeno *tine*, rético *tei*.

3ª pessoa do singular: *ille* > português *ele*, espanhol *él*, provençal e rético *el*, romeno *el* (vindo de *illu*). **Illúi* (dativo) > provençal, italiano e francês *lui*, romeno *lui*. *Illa* > português, provençal e rético *ela*, espanhol e italiano *ella*, francês antigo *ele*, francês moderno *elle*, romeno *ea*. **Illéi* (dativo) > provençal *liei*, italiano *lei*, francês antigo *li* (substituído pelo masculino *lui*), romeno *ei*. **Sibi* (análogo com *mihi*) > português e rético

si, espanhol *sí*, romeno *șie*. *Se* > português, provençal e italiano *se*, francês *soi*, romeno *sine*, rético *sei*.

1ª pessoa do plural: *nos* > português *nós*, espanhol, provençal e francês antigo *nos*, italiano *noi*, francês moderno *nous*, romeno *noi*, rético *nus*.

2ª pessoa do plural: *vos* > português *vós*, espanhol e francês antigo *vos*, italiano *voi*, francês moderno *vous*, romeno *voi*, rético *vus*.

3ª pessoa do plural: *illi* > provençal e francês antigo *il*, italiano *eglino*, francês moderno *ils*, romeno *ei*. *Illorum* > provençal, romeno e francês antigo *lor*, italiano *loro*, francês moderno *leur*. *Illos* > espanhol *ellos* (sujeito), provençal *els*, francês antigo *eus*, francês moderno *eux*, rético *elts*. *Ille* (nominativo masculino) > italiano *elleno*, português e romeno *elle*, *Illas* > português, espanhol e provençal *elas* (sujeito), francês antigo *eles*, francês moderno *elles* (sujeito), rético *eles*.

O reflexivo, como no singular.

O *ne* das formas romenas *mine*, *tine*, *sine* deve provir da partícula latina *ne*, usada nas frases interrogativas e exclamativas (*mene*, *incepto desistere victa*, *Eneida*, I, 37).

Em italiano, *egli* e *ella* sofrem a concorrência de *esso*, *essa*, de *ipsu*, *ipsa*. As formas *eglino*, *elleno* trazem a desinência dos verbos (*amano*). No português antigo houve um neutro singular *ello*. No espanhol ainda há, embora raro, o neutro *ello*.

O português *eles* é formado por analogia com o singular *ele*, segundo a proporção *ela*, *elas* – *ele*, *eles*; se viesse de *illos*, como veio o espanhol *ellos*, haveria homonímia com o neutro *ello*. Nunes considera castalhanismos as formas *elos* encontradas no *Cancioneiro da Vaticana*, 291, 756.

Illorum, que é genitivo, deu formas equivalentes a dativo e em italiano também é usado como acusativo.

No espanhol, as formas enfáticas *nosotros*, *vosotros* tornaram-se habituais.

As combinações com a preposição *cum* aparecem em italiano (*meco*, *teco*, *seco*, *nosco*, *vosco*), em espanhol (*conmigo*, *contigo*, *consigo* e os antigos *connusco*, *convusco*, todos com a preposição anteposta pleonasticamente) e em português (*mego*, *tego*, *sego*, *migo*, *tigo*, *sigo*, antigos, *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco* modernos, com a preposição também anteposta pleonasticamente).

Formas átonas

1ª pessoa do singular: *mi*, *me* > português, espanhol, provençal e francês *me*, italiano *mi*, romeno *mî*, *mă*, rético *mi*, *ma*;

2ª pessoa do singular: *ti, te* > português, espanhol, provençal e francês *te*, italiano *ti*, romeno *ți, te*, rético *ti, ta*;

3ª pessoa do singular (*i illi*) > português *lhe*, espanhol *le*, provençal *li* e *lhi*, italiano *gli*, francês antigo *li* (supantado por *lui*), romeno *î*, rético *l'*; (*Illu*) > português *o*, espanhol, provençal e italiano *lo*, francês *le*, romeno *l*; (*Illa(m)*) > português *a*, espanhol, provençal, francês, italiano e rético *la*, romeno *o*; (*Ille* (dativo feminino)) > português *lhe*, espanhol e italiano *le*, provençal *li* e *lhi*, francês antigo *li*, romeno *î*, rético *l'*; *Si, se* > português, espanhol, provençal e francês *se*, italiano *si*, romeno *și se*, rético *si, sa*.

1ª pessoa do plural: *nobis, nos* > português, espanhol, provençal e antigo francês *nos*, francês moderno *nous*, romeno *ne*, rético *nts*;

2ª pessoa do plural: *vobis, vos* > português, provençal e antigo francês *vos*, espanhol *os*, francês moderno *vous*, romeno *vă*, rético *s*;

3ª pessoa do plural: (*Illis*) > português *lhes*, espanhol *les*, provençal *li, le*, rético *lts*; (*Illos*) > português *os*, espanhol e provençal *los*, italiano *li*, francês *les*, romeno *î*, rético *lts*; (*Illas*) > português *as*, espanhol, provençal e rético *las*, italiano e romeno *le*, francês *les*.

O português *o, a, os, as* resulta de alteração de *lo, la, los, las* por um efeito de fonética sintática tratados como intervocálicos. Assim mesmo, ainda se conservam as formas antigas depois de *s, r* e *z*: *ama-lo, ei-lo, no-lo, vo-lo, amá-lo, di-lo*. Depois de som nasal, *no, na, nos, nas*: *amam-no*.

A forma romena *o* vem de (*i*)*lla, ua*.

O masculino *lui* impôs-se no dativo feminino em francês.

O italiano usa, para o acusativo e o dativo da 1ª pessoa do plural, a forma *ci*, de *ecce hic*, e para a segunda, a forma *vi*, de *ibi*.

O romeno tem os dativos *nouă, vouă*.

A forma espanhola *os* data dos fins do século XV e já se usava na Idade Média junto de imperativos: *venidos* (por *venidvos*). Para o dativo da terceira do plural o provençal, o italiano e o francês apresentam *lor, loro* e *leur*, tirados do genitivo *illorum*.

Possessivos

1ª pessoa do singular: *meu* > português e romeno *meu*, espanhol *mío*, provençal *mieu*, italiano *mio*, francês *mien* (de *meum*); *Mei* > provençal e italiano *miei*, romeno *mei*; *Meos* > português *meus*, espanhol *míos*, provençal *mieus*; *Mea* > português *minha*, espanhol *mia*, provençal e italiano *mia*, francês antigo *moie*, romeno *meà*.

2ª pessoa do singular: *tuu*, **teu* (analogico com *meu*): > português *teu*, espanhol *tuyo*, provençal *tiou*, italiano *tuo*, francês antigo *tuen* (de **toum*), depois *tien* (analogico com *mien*), romeno *tău*; *Tui* > provençal *toi*, italiano *tuoi*, romeno *tăi*; *Tuos*, **teus* > português *teus*, espanhol *tuyos*, provençal *tieus*; *Tua* > português e italiano *tua*, espanhol *tuya*, provençal *toa*, francês antigo *toe*, depois *teue*, romeno *ta*.

3ª pessoa do singular: *suu*, **teu* (analogico com *meu*): > português *seu*, espanhol *suyo*, provençal *sieu*, italiano *suo*, francês antigo *suen* (de **soum*), depois *sien* (analogico com *mien*), romeno *săi*; *Sui* > provençal *soi*, italiano *suoi*, romeno *sai*; *Suos*, **seus* > português *seus*, espanhol *suyos*, provençal *sieus*; *Sua* > português e italiano *sua*, espanhol *suya*, provençal *soa*, francês antigo *soe*, depois *seue*, romeno *sa*.

1ª pessoa do plural: *nostru* > português *nosso*, espanhol *nuestro*, provençal *nostre*, italiano *nostro*, francês antigo *nostre*, francês moderno *nôtre*, romeno *nostru*;

2ª pessoa do plural: *vostru* > português *vosso*, espanhol *vuestro*, provençal *vostre*, italiano *vostro*, francês antigo *vostre*, francês moderno *vôtre*, romeno *vostru*;

3ª pessoa do plural: Igual ao singular.

O francês *mon*, *ton*, *son* vem de formas átonas *mum*, *tum*, *sum*; *mes*, *tes*, *ses*, de formas átonas *mos*, *mas*, *tos*, *tas*, *sos*, *sas*.

O português antigo tinha formas átonas *ma*, *ta*, *sa*.

O espanhol *tuyo*, *suyo* foi influenciado por *cuyo*, a que freqüentemente serve de resposta.

O espanhol *mi*, *tu*, *su* é devido a próclise.

Para a terceira do plural o italiano, o francês e o romeno e parcialmente o provençal usam formas tiradas de *illorum* (*loro*; *lor*; *leur*; *lor*; *lor*; *lur*, *lour*).

Demonstrativos

O latim possuía os demonstrativos *hic*, *iste*, *ille*, *is*, *idem*, *ipse*.

Hic, demonstrativo de primeira pessoa, foi suplantado por *iste*, demonstrativo de segunda. Deixou, contudo, alguns vestígios: espanhol *pero* (*per hoc*), italiano *pero* (*per hoc*), francês *avec* (*apud hoc*), português *agora* (*hac hora*), português *ogano* (*hoc anno*), provençal *oc*, com valor de “sim”, daí *langue d’oc*, ao lado da *langue d’oil* (de *o il*, usado nas respostas), *oil* dando *oui* no francês atual; provençal *so*, francês *ço*, hoje *ce*, de *ecce hoc*.

Iste, reforçado pelas partículas *ecce*, **accu*, deu português e espanhol *aqueste*, provençal *aquest*, italiano *questi*, francês antigo (*i*)*cest* (do acusativo), *cet*, *ce*, romeno *acest* (do acusativo).

Ille, reforçado igualmente, deu português *aquele*, espanhol *aquel*, provençal *aqueu*, italiano *quegli*, francês antigo (*i*)*cel* (do acusativo), romeno *acel* (do acusativo).

O português e o espanhol apresentam um demonstrativo de segunda pessoa, tirado de **aceu'ipse*: *aquesse*, *aquese*.

O português, o espanhol e o romeno voltaram às formas simples (*este*, *esse*, *este*, *ese*, *ast*, *ist*).

O italiano tem ainda *questo*, tirado do acusativo, e *costui*, do dativo, e *quello*, do acusativo, e *colui*, do dativo.

O francês tem ainda *celui*, de *ecce illui*.

Is deixou um vestígio em italiano *desso*, de *id ipsu*.

Iipse, que deu o português *esse*, espanhol *ese*, aparece no italiano *desso* (*id ipsu*) e *stesso* (*iste ipsu*). Precedido da partícula *met* e com flexão de superlativo, **metipsimu*, deu português *mesmo*, espanhol *mismo*, provençal *medesme*, francês *même*, italiano *medesimo*.

Formas neutras conservaram-se em português, espanhol *isto*, *esto*, *isso*, *eso*, *aquilo*, *aquello*, ao lado das já citadas provençal *so*, italiano *ciò*, francês antigo *ço*, francês moderno *ce*. Do demonstrativo de terceira pessoa se originou o artigo definido românico: português *o*, espanhol antigo **elo*, espanhol moderno *el*, provençal *lou*, italiano *il* e *lo*, francês antigo *li*, *le*, rético *il* e *l*. Feminino português *a*, espanhol, provençal, italiano francês e rético *la*. Plural português *os*, espanhol *los*, provençal *li*, italiano *i* e *gli*, rético *ilts*. Feminino português *as*, espanhol, provençal e rético *las*, italiano *le*, francês *les*.

O romeno pospõe o artigo definido ao substantivo: *le*, para os masculinos terminados em *e* (*munte*, *muntele*), *l* para os demais (*lupu*, *lupul*), *a* para o feminino (*curte*, *curtea*), *ĩ* para o plural masculino (*socri*, *socriĩ*) e *le* para o feminino (*case*, *casele*).

O sardo e alguns dialetos provençais e catalães tiraram seu artigo definido de *ipsu*, *ipsa* (*su*, *sa*, *sos*, *sas*).

O português e o espanhol apresentam uma forma neutra diante de adjetivos substantivados: *o belo*, *lo hermonoso*. Na expressão *el-rei* o português conserva forma arcaica.

Diante de palavra feminina começada por *a* tônico o espanhol apresenta a forma *el*, redução do arcaico **ela*: **ela agua*, *el agua*.

Relativos e interrogativos

O relativo *qui, quae* desde o quarto século se tinha reduzido a *qui* simplesmente; paralelamente o acusativo *quam* foi substituído por *quem*.

O nominativo *qui* se manteve na Gália, na Récia e na Itália: *qui, k'i, chi*.

Na Ibéria houve um arcaico *qui*, reservado para pessoas, mas o que acabou ficando foi uma forma invariável *que*, para pessoas e coisas, para nominativo e acusativo, para masculino e feminino, pois não se sentiu necessidade de precisar gênero e número, já indicados pelo antecedente.

O neutro *quod* deu *que* em português, espanhol, provençal e francês, *che* em italiano.

O genitivo *cujus* foi conservado na Ibéria (português *cujo*, espanhol *cuyo*) e na Sardenha (logudorês *kuyu*).

O dativo *cui* só não se conservou na Ibéria: provençal, italiano, francês *cui*, romeno *cuĩ*, rético *kui*.

O acusativo *quem* deu: português *quem*, espanhol *quien*, provençal e francês *que*, romeno *cine*.

O romeno utiliza como relativo a forma *care*, tirada de *quale*.

Quale, precedido de artigo, deu nas outras línguas um relativo enfático, com determinação de gênero e de número: português *o qual, a qual, os quais, as quais*, espanhol *el cual, la cual, los cuales, las cuales*, provençal *lou quau, la qualo*, francês *lequel, laquelle*, italiano *il quale, la quale*.

O dativo do francês antigo confundiu-se com o nominativo *qui*.

O espanho *quien* desenvolveu mais tarde um plural *quienes*.

O interrogativo *quis* foi substituído pelo relativo *qui*: provençal e francês *qui*, italiano *chi*, rético *k'i*. Na Ibéria e na Romênia, pelo acusativo: português *quem*, espanhol *quién*, romeno *cine*.

O neutro *quid* deu: português e provençal *que*, espanhol *qué*, italiano *che*, francês *quoi*, romeno *ce*, rético *kei*.

VERBOS

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.*, II, §§ 111-346, BOURCIEZ, *Élém.*, §§ 74-5, 203-12, 286-98, 353-65, 417-26, 473-81, 523-5, ZAUNER, *Rom. Spr.*, § 64.

A conjugação latina conservou-se melhor do que a declinação.

Perderam-se umas tantas formas, mas a tendência analítica criou novas.

Desapareceram o futuro simples do indicativo, o imperativo futuro, o pretérito do infinitivo, o supino³ e o particípio do futuro.

As quatro conjugações do latim clássico reduziram-se a três no latim vulgar com a fusão da segunda (de *e* longo) com a terceira (de *e* breve), embora em alguns pontos se manifeste ainda a diferença entre estas duas conjugações em algumas línguas.

Os verbos em geral mantiveram suas conjugações.

Houve, porém, exceções.

Assim, *narrare* deu *narrere* em sardo, *arrogare* *arrogere* em italiano, *meiere* *meiar* em espanhol e *mijar* em português, *lucere* *lucir* em espanhol e *luzir* em português, *nocere* *nuocere* em italiano, *fugere* *fugir* em português, *huir* em espanhol, *fuir* em francês, *petere* *pedir* em português e espanhol, *minuere* *menguar* em espanhol e *minguar* em português, *tremere* *tremare* em italiano.

Os depoentes passaram para a conjugação ativa. Em Plauto já se encontra *horto* em lugar de *hortor*. Ficaram apenas alguns particípios passados com este valor.

As formas sintéticas da passiva propriamente dita foram substituídas por formas analíticas tiradas da passiva de estado. *Sum amatus* tomou o lugar de *amor*, *eram amatus* o de *amabar* etc. Em romeno dominou a passiva reflexa. O rético, por influência alemã, usa *venire* como auxiliar.

Indicativo

Presente da primeira conjugação

latim *canto* > português, espanhol, italiano *canto*, provençal *can(t)*, francês antigo *chant*, francês moderno *chante*, romeno *cînt*, rético *k' aunt*;

³ O romeno o conservou como substantivo verbal: *casa de vindut*, casa para vender.

latim *cantas* > português, espanhol, provençal *cantas*, italiano *canti*, francês *chantes*, romeno *cinți*, rético *k'auntest*;

latim *cantat* > português, espanhol, provençal, italiano *canta*, francês *chante*, romeno *cîntă*, rético *k'aunta*;

latim *cantamus* > português, espanhol *cantamos*, provençal *cantam*, italiano *cantiamo*, francês *chantons*, romeno *cantăm*, rético *k'auntein*;

latim *cantatis* > português *cantades*, *cantais*, espanhol *cantades*, *cantáis*, provençal *cantatz*, italiano *cantate*, francês *chantez*, romeno *cintați*, rético *k'aunteis*;

latim *cantant* > português *cantam*, espanhol e provençal *cantan*, italiano *cantano*, francês *chantent*, romeno *cîntă*, rético *k'aunten*.

Na primeira pessoa do singular do francês, o *e* final dos verbos com muta e líquida passou para os demais: *souffle*, *chante*. Isto não se deu com o *u* romeno: *aflu*, *cînt*.

Na segunda do singular do italiano, a identidade que se criou entre a forma da segunda conjugação e a da terceira (*vendi*, *dormi*), ajudada pela identidade existente na primeira pessoa (*canto*, *vendo*, *dormo*), acarretou a forma *canti*, vinda talvez do subjuntivo, onde a evolução é normal.

O *t* do rético vem de *tu*: *cantas tu*, *catastu*, *k'auntest*.

Na primeira do plural do italiano, a desinência terá vindo de *siamo*, adaptada primeiro ao auxiliar *avere*, irradiada depois aos demais verbos. Na do francês, terá vindo de *sons* (francês moderno *sommes*), adaptada ao auxiliar *avoir* e irradiada depois aos demais verbos.

Na terceira do plural do italiano, o *o* final provavelmente vem da analogia com os verbos da segunda e da terceira, onde ele tem razão de ser (*vendono*, *dormono*, *cantano*).

Segunda conjugação

latim *vendo* > português *vendo*, espanhol *vendo*, provençal *ven*, italiano *vendo*, francês antigo *vent*, francês moderno *vents*, romeno *vînd*, rético *vend*;

latim *vendes* > português *vendes*, espanhol *vendes*, provençal *ventz*, italiano *vendi*, francês antigo *venz*, francês moderno *vends*, romeno *vinzi*, rético *vendest*;

latim *vendet* > português *vende*, espanhol *vende*, provençal *ven*, italiano *vende*, francês antigo *vent*, francês moderno *vend*, romeno *vinde*, rético *venda*;

latim *vendemus* > português *vendemos*, espanhol *vendemos*, provençal *vendem*, italiano *vendiamo*, francês *vendons*, romeno *vindem*, rético *vendein*;

latim *vendete* > português arcaico *vendedes*, português moderno *vendeis*, espanhol arcaico *vendedes*, espanhol moderno *vendéis*, provençal *venetz*, italiano *vendete*, francês *venvendezts*, romeno *vindeți*, rético *vendeis*;

latim *vendunt* > português *vendem*, espanhol *vendo*, provençal *ven*, italiano *vendo*, francês antigo *vent*, francês moderno *vents*, romeno *vînd*, rético *vend*,

Na primeira e na segunda do plural, o romeno distingue pela acentuação *tăcem*, *ta-ceți*, de *tacere*, e *vindem*, *vindeți*, de *vendere*; os primeiros com *e* tônico e os segundos com *e* átono.

Na terceira pessoa do plural, o italiano apresenta um *o* paragógico, resultante da repercussão da vogal da desinência *-unt*, para evitar uma final consonântica.

Terceira conjugação

latim *dormio*, *dormo* > português *durmo*, espanhol *duermo*, provençal *dormi*, italiano *dormo*, francês antigo *dor*, francês moderno *dors*, romeno *dorm*, rético *dorm*;

latim *dormis* > português *dormes*, espanhol *duermes*, provençal *dors*, italiano *dormi*, francês *dors*, romeno *dormi*, rético *dormest*;

latim *dormit* > português *dorme*, espanhol *duerme*, provençal *dor*, italiano *dorme*, francês *dort*, romeno *doarme*, rético *dorma*;

latim *dormimus* > português *dormimos*, espanhol *dormimos*, provençal *dormem*, italiano *dormiamo*, francês *dormons*, romeno *dormim*, rético *dormins*, de pois *durmintis*;

latim *dormitis* > português arcaico *dormides*, português moderno *dormis*, espanhol antigo *dormides*, espanhol moderno *dormís*, provençal *dormetz*, italiano *dormite*, francês antigo *dormiz*, francês moderno *dormez*, romeno *dormiți*, rético *durmis*;

latim *dormiunt*, *dormient* > português *dormem*, espanhol *duermen*, provençal *dormon*, italiano *dormono*, francês *dorment*, romeno *dorm*, rético *dormen*.

Presente do subjuntivo

Primeira conjugação

latim *cantem* > português *cante*, espanhol *cante*, provençal *can*, italiano *canti*, francês antigo *chant*, francês moderno *chante*, romeno *cînt*, rético *k'aunti*;

latim *cantes* > português *cantes*, espanhol *cantes*, provençal *cantz*, italiano *canti*, francês antigo *chanz*, francês moderno *chantes*, romeno *cînți*, rético *k'aunties*;

latim *cantet* > português *cante*, espanhol *cante*, provençal *can*, italiano *canti*, francês antigo *chant*, francês moderno *chante*, romeno *cînte*, rético *k'aunti*;

latim *cantemus* > português *cantemos*, espanhol *cantemos*, provençal *cantem*, italiano *cantiamo*, francês *chantions*, romeno *cîntăm*, rético *kanteien*;

latim *cantetis* > português arcaico *cantedes*, português moderno *canteis*, espanhol arcaico *cantedes*, espanhol moderno *cantéis*, provençal *cantetz*, [italiano *cantete*], francês *chantiez*, romeno *cînți*, rético *kanteies*;

latim *cantent* > português *cantem*, espanhol *canten*, provençal *canten*, italiano *cantino*, francês *chantent*, romeno *cînte*, rético *k'auntien*.

Em romeno, exceto na terceira do singular e na do plural, as desinências são as do indicativo.

Em francês antigo houve uma desinência *-iens* que, cruzando-se com *-ions*, deu o francês moderno *-ions*, que por sua vez acarretou *-iez* na segunda do plural.

Segunda conjugação

latim *vendam* > português *venda*, espanhol *venda*, provençal *venda*, italiano *venda*, francês *vende*, romeno *vînd*, rético *vaindi* e *vainda*;

latim *vendas* > português *vendas*, espanhol *vendas*, provençal *vendas*, italiano *vendi*, francês *vendes*, romeno *vînzî*, rético *vaindes*;

latim *vendat* > português *venda*, espanhol *venda*, provençal *venda*, italiano *venda*, francês *vende*, romeno *vîndă*, rético *vaindi* e *vainda*;

latim *vendamus* > português *vendamos*, espanhol *vendamos*, provençal *vendam*, italiano *vendiamo*, francês *vendions*, romeno *vîndem*, rético *vaindents*;

latim *vendatis* > português arcaico *vendades*, português moderno *vendais*, espanhol arcaico *vendades*, espanhol moderno *vendáis*, provençal *vendatz*, italiano *vendiate*, francês antigo *vendez*, francês moderno *vendiez*, romeno *vindeți* proparoxítono, rético *vaindet*;

latim *vendant* > português *vendam*, espanhol *vendan*, provençal *vendan*, italiano *vendano*, francês *vendent*, romeno *vîndă*, rético *vaindi* e *vainden*.

As observações sobre a primeira cabem à segunda conjugação.

Terceira conjugação

latim *dormiam*, **dormam* > português *durma*, espanhol *duerma*, provençal *dorma*, italiano *dorma*, francês *dorm*, romeno *dormi*, rético *dorma*.

latim *dormias*, **dormas* > português *durmas*, espanhol *duermas*, provençal *dormas*, italiano *dormi*, francês *dormes*, romeno *dormi*, rético *dormes*.

latim *dormiat*, **dormat* > português *durma*, espanhol *duerma*, provençal *dorma*, italiano *dorme*, francês *dorme*, romeno *dormă*, rético *dormi* e *dorma*.

latim *dormiamus*, **dormamus* > português *durmamos*, espanhol *dormanos*, provençal *dormam*, italiano *dormiamo*, francês *dormons*, romeno *dormen*, rético *durments*.

latim *dormiate*, **dormate* > português arcaico *durmades*, português moderno *durmaiss*, espanhol arcaico *dormades*, espanhol moderno *dormáis*, provençal *dormatz*, italiano *dormiate*, francês antigo *dormez*, francês moderno *dormiez*, romeno *dormeși*, rético *durmet*.

latim *dormiant*, **dormant* > português *durmam*, espanhol *duerman*, provençal *dorman*, italiano *dormano*, francês *dorment*, romeno *dormă*, rético *dormen*.

As observações sobre a primeira também cabem à terceira conjugação.

Imperativo

latim *canta*, *cantate* > português arcaico *canta*, *cantade*, português moderno *canta*, *cantai*, espanhol *canta*, *cantad*, provençal *canta*, *cantatz*, italiano *canta*, *cantate*, francês *chante*, *chantez*, romeno *cîntă*, *cîntați*, rético *k' aunta*, *k' anté*.

latim *vende*, *vendete* > português arcaico *vende*, *vendede*, português moderno *vende*, *vendei*, espanhol *vende*, *vended*, provençal *ven*, *vendetz*, italiano *vendi*, *vendete*, francês antigo *vent*, *vendez*, francês moderno *vends*, *vendez*, romeno *vînde*, *vindeși* proparoxítono, rético *venda*, *vandé*.

latim *dormi*, *dormite* > português arcaico *dorme*, *dormide*, português moderno *dorme*, *dormi*, espanhol *dormi*, *dormid*, provençal *dorm*, *dormitz*, italiano *dormi*, *dormite*, francês antigo *dor*, *dormez*, francês moderno *dors*, *dormez*, romeno *dormi*, *dormiși*, rético *dorma*, *durmi*.

O português, o espanhol e parcialmente o rético preservaram as formas latinas do plural; as demais línguas lançaram mão do indicativo presente.

Gerúndio

latim *cantando* > português *cantando*, espanhol *cantando*, provençal *cantan*, italiano *cantando*, francês *chantant*, romeno *cîntînt*, rético *kantant*.

latim *vendendo* > português *vendendo*, espanhol *vendiendo*, provençal *venden*, italiano *vendendo*, francês *chantant*, romeno *vînxînd*, rético *vendint*.

latim *dormiendo* > português *dormindo*, espanhol *dormiendo*, provençal *dormen*, italiano *dormendo*, francês *dormant*, romeno *durmind*, rético *durmant*.

Só se manteve o ablativo latino, que assumiu também as funções do particípio presente, conservado como adjetivo ou substantivo.

A desinência da primeira conjugação propagou-se à segunda em romeno e a todas em francês; a da segunda à terceira em italiano e provençal; a da terceira à segunda em espanhol.

Presente do infinitivo

latim *cantare* > português *cantar*, espanhol *cantar*, provençal *cantar*, italiano *cantare*, francês *chanter*, romeno *a⁴ cîntà*, rético *kantant*.

latim *habere* > português *haver*, espanhol *haber*, provençal *aver*, italiano *avere*, francês *avoir*, romeno *a aveà*, rético furlano *aver*.

latim *dormire* > português *dormir*, espanhol *dormir*, provençal *dormir*, italiano *dormire*, francês *dormir*, romeno *a dormi*, rético *durmi*.

O provençal, o italiano, o francês e o romeno apresentam formas que mostram a conservação da conjugação latina em *-ĕre*: provençal *vendre*, italiano *vendere*, francês *vendre*, romeno *a vînde*. Em português e espanhol *vender*.

A unificação completa de *-ĕre* e *-ěre* só se deu em português, espanhol e no romeno do sul.

O português apresenta uma forma flexionada que, para o Dr. José Maria Rodrigues e outros, provém do imperfeito do subjuntivo latino; para outros, do futuro simples do subjuntivo; para outros, de uma simples adaptação de flexões, o que parece mais aceitável; para Harri Meier, de uma particularidade regional do latim vulgar.

O galego tem a forma flexionada e o napolitano a teve até o século XV.

O romeno apresenta formas plenas *cîntare*, *avere* e *durmire*, usadas substantivamente.

⁴ Preposição (cf. o inglês *to go*, o alemão *zu sein*).

As três formas latinas só foram presentadas no português, no gascão, no catalão, no aragonês e no sobresselvano.

Imperfeito do indicativo

Primeira conjugação

latim *cantabam* > português *cantava*, espanhol *cantaba*, provençal *cantava*, italiano *cantavo*, francês antigo *chantoie*, depois *chantois*, francês moderno *chantais*, romeno *cîntăm*, rético *kantavel*.

latim *cantabas* > português *cantavas*, espanhol *cantabas*, provençal *cantavas*, italiano *cantavi*, francês antigo *chantoies*, depois *chantois*, francês moderno *chantais*, romeno *cîntaĩ*, rético *kantaves*.

latim *cantabat* > português *cantava*, espanhol *cantaba*, provençal *cantava*, italiano *cantavo*, francês antigo *chantoit*, francês moderno *chantait*, romeno *cîntá*, rético *kantava*.

latim *cantabamus* > português *cantávamos*, espanhol *cantábamos*, provençal *cantavam*, italiano *cantavamo*, francês antigo *chantiiens*, francês moderno *chantions*, romeno *cîntam*, rético *kantaven*.

latim *cantabatis* > português arcaico *cantavades*, português moderno *cantáveis*, espanhol arcaico *cantabades*, espanhol moderno *cantábais*, provençal *cantavatz*, italiano *cantavate*, francês antigo *chantieez*, francês moderno *chantiez*, romeno *cîntațĩ*, rético *kantaves*.

latim *cantabant* > português *cantavam*, espanhol *cantaban*, provençal *cantavan*, italiano *cantavano*, francês antigo *chantoient*, francês moderno *chantaient*, romeno *cîntaũ*, rético *kantaven*.

A forma italiana *cantavo* revela influência do presente do indicativo, com o fim de diferenciar a primeira do singular da terceira.

As formas francesas *chantoie*, *chantoies* etc. mostram desinências da segunda conjugação, cuja evolução veremos adiante.

Em romeno o *b* caiu em *cîntam* e nas demais formas, de conformidade com as tendências fonéticas.

Na primeira e na segunda pessoa do plural, devido à analogia com as formas rítmicas, houve um recuo do acento no português (mas não no galego), no espanhol, no italiano do norte e parcialmente no do sul, e no rético.

Na primeira pessoa do plural o francês se regula pelo presente do indicativo.

Na terceira do plural, o romeno apresenta uma vogal paragógica que traz diferença da terceira do singular.

Segunda conjugação

latim *vendeam* > português *vendia*, espanhol *vendía*, provençal *vendia*, italiano *vendev*, francês antigo *vendoie*, francês moderno *vendais*, romeno *vendeám*, rético *vendeva*;

latim *vendeas* > português *vendias*, espanhol *vendías*, provençal *vendias*, italiano *vendevi*, francês antigo *vendoiee*, francês moderno *vendais*, romeno *vendeái*, rético *vendevest*;

latim *vendeat* > português *vendia*, espanhol *vendía*, provençal *vendia*, italiano *vendeva*, francês antigo *vendoit*, francês moderno *vendait*, romeno *vendeá*, rético *vendeva*;

latim *vendeamus* > português *vendíamos*, espanhol *vendíamos*, provençal *vendiamos*, italiano *vendevamo*, francês antigo *vendiens*, francês moderno *vendions*, romeno *vendeam*, rético *vendevents*;

latim *vendeatis* > português arcaico *vendíades*, português moderno *vendíeis*, espanhol antigo *vendíades*, espanhol moderno *vendíais*, provençal *vendiats*, italiano *vendevate*, francês antigo *vendiiez*, francês moderno *vendiez*, romeno *vendevați*, rético *vendevés*;

latim *vendeant* > português *vendiam*, espanhol *vendían*, provençal *vendian*, italiano *vendevano*, francês antigo *vendoient*, francês moderno *vendaient*, romeno *vendeà*, rético *vendeven*.

As formas latinas *vendeam*, *vendeas* etc. por *vendebam*, *vendebas* etc. explicam-se por analogia com *habebam*, verbo auxiliar muito usado, onde teria havido uma dissimilação.

Em português e espanhol, *-ea* deu *-ia*, segundo as tendências fonéticas, cf. *vea*, *mea* > português *via*, *minha*, espanhol *vía*, *mía*. Em provençal influiu na terceira conjugação.

O *v* do italiano é formação nova, pois o italiano antigo apresenta *-ea*. O do rético deve ser devido à analogia com a primeira conjugação.

No francês, o *e* tônica deu regularmente *ei*, depois *oi*, pronunciado *wé*, reduzido a *é* no francês médio e escrito *ai* somente em 1835. O *e* mudo de *oie* e *oies* desapareceu no século XV e a primeira desinência tomou um *s*.

Continua o recuo do acento na primeira e na segunda do plural nas mesmas línguas.

Terceira conjugação

latim *dormiam* > português *dormia*, espanhol *dormía*, provençal *dormia*, italiano *dormivo*, francês antigo *dormoie*, francês moderno *dormais*, romeno *dormeam*, rético *dormiva*;

latim *dormias* > português *dormias*, espanhol *dormías*, provençal *dormias*, italiano *dormivi*, francês antigo *dormoies*, francês moderno *dormais*, romeno *dormeai*, rético *dormivest*;

latim *dormiat* > português *dormia*, espanhol *dormía*, provençal *dormia*, italiano *dormiva*, francês antigo *dormoit*, francês moderno *dormait*, romeno *dormeam*, rético *dormiva*;

latim *dormiamus* > português *dormíamos*, espanhol *dormíamos*, provençal *dormiamos*, italiano *dormivamo*, francês antigo *dormiens*, francês moderno *dormions*, romeno *dormeam*, rético *dormivents*;

latim *dormiatis* > português arcaico *domíades*, português moderno *dormíeis*, espanhol antigo *dormiades*, espanhol moderno *dormíais*, provençal *dormiatz*, italiano *dormivate*, francês antigo *dormoiez*, francês moderno *dormiez*, romeno *dormeați*, rético *dormives*;

latim *dormiant* > português *dormiam*, espanhol *dormían*, provençal *dormian*, italiano *dormivano*, francês antigo *dormoient*, francês moderno *dormaient*, romeno *durmeaŭ*, rético *dormiven*.

A respeito do *v* em italiano e rético cabem as observações da segunda conjugação.

O francês adotou desinências da segunda conjugação.

Continua o recuo na primeira e na segunda do plural nas mesmas línguas.

Imperfeito do subjuntivo

Só se conservou no logudorês: *amare*, *amares*, *amaret*, *amaremus*, *amaredis*, *amerent*, a partir do século XVIII *amere*, *ameres*, *ameret*, *ameremus*, *ameredis*, *amerent* (como a segunda), *timere*, *timeres*, *timeret*, *timeremus*, *timeredis*, *timerent*; *fuire*, *fuires*, *fui-ret*, *fuiremus*, *fuiredis*, *fuirent*, a partir do século XVIII *fuere*, *fueres*, *fueret*, *fueremus*, *fueredis*, *fuerent*.

O Dr. José Maria Rodrigues e outros pretenderam que este tempo se houvesse conservado em português sob a forma de infinitivo pessoal.

Veremos a sua substituição ao tratar do mais-que-perfeito do subjuntivo.

Perfeito [Pretérito perfeito do indicativo]

Perfeitos fracos

Primeira conjugação

latim *cantai* > português *cantei*, espanhol *canté*, provençal *cantei*, italiano *cantai*, francês *chantai*, romeno *cîntai*;

latim *cantasti* > português *cantaste*, espanhol *cantaste*, provençal *cantest*, italiano *cantasti*, francês *chantas*, romeno *cîntași*;

latim *cantaut*, *cantát* > português *cantou*, espanhol *cantó*, provençal *cantest*, italiano *cantaò*, francês *chanta*, romeno *cîntâ*;

latim *cantamus* > português *cantamus*, espanhol *cantamos*, provençal *cantem*, italiano *cantammo*, francês *chantâmes*, romeno *cîntam* depois *cîntarăm*;

latim *cantastis* > português *cantastes*, espanhol *cantasteis*, provençal *cantetz*, italiano *cantaste*, francês *chantâtes*, romeno *cîntași* depois *cîntarăți*;

latim *cantarunt* > português *cantaram*, espanhol *cantaron*, provençal *canteron*, italiano *cantarono*, francês *chantèrent*, romeno *cîntară*.

O *e* das formas provençais revela assimilação ao tipo *dedi*.

No singular, sente-se em francês a influência de *avoir*.

Na primeira e na segunda pessoa do plural, o romeno revela influência da terceira.

O espanhol, na segunda do plural, mostra assimilação à desinência dos presentes.

O português teve na terceira pessoa do plural *cantarom*, que passou a *cantaram* por analogia com *cantam* e *cantavam*.

Em rético, o perfeito só existe no Friul; aparece na língua literária nos Grisões e falta completamente no Tirol. A multiplicidade de formas onde ele existe não permite reduzi-las a um tipo.

Terceira conjugação

latim *dormii* > português *dormi*, espanhol *dormí*, provençal *dormi*, italiano *dormii*, francês antigo *dormi*, francês moderno *dormis*, romeno *dormii*;

latim *dormisti* > português *dormiste*, espanhol *dormiste*, provençal *dormist*, italiano *dormisti*, francês *dormis*, romeno *dormiși*;

latim *dormiut* > português *dormiu*, espanhol *dormió*, provençal *dormit*, italiano *dormi*, francês *dormit*, romeno *dormi*;

latim *dormimus* > português *dormimos*, espanhol *dormimos*, provençal *dormim*, italiano *dormimmo*, francês *dormîmes*, romeno *dormirăm*;

latim *dormistis* > português *dormistes*, espanhol *dormisteis*, [provençal *dormitz* ?], italiano *dormiste*, francês *dormîtes*, romeno *dormirăți*;

latim *dormirunt* > português *dormiram*, espanhol *dormíeron*, provençal *dormiron*, italiano *dormirono*, francês *dormirent*, romeno *dormiră*.

Na primeira pessoa do singular o francês adotou a desinência dos perfeitos em *-si*: *dormis*, segundo *dis*.

Na terceira do singular houve deslocação do acento em espanhol.

Na primeira e na segunda do plural do romeno se sente influência da terceira.

Na segunda do plural em espanhol houve assimilação à desinência dos presentes.

A terceira do plural em espanhol deve vir de *dormierunt* e não de *dormirunt*.

O rético não apresenta forma típica.

Segunda conjugação

Os poucos verbos que apresentavam um perfeito fraco em latim não passaram para as línguas românicas em geral (*implevi*, *suevi*, *quievi*, *delevi* etc.).

Daí, com sua tendência a uniformizar paradigmas, darem elas aos verbos em *-er* o perfeito fraco dos verbos em *-ir*.

Além desta tendência, existiu a de manter as vogais características das três conjugações.

Assim:

português *vendi*, espanhol *vendí*, provençal *vendei*, italiano *vendei*, francês antigo *vendi*, francês moderno *vendis*, romeno *vendii*;

português *vendeste*, espanhol *vendiste*, provençal *vendist*, italiano *vendesti*, francês antigo *vendist*, francês moderno *vendis*;

português *vendeu*, espanhol *vendió*, provençal *vendet*, italiano *vendè*, francês *vendit*;

português *vendemos*, espanhol *vendimos*, provençal *vendem*, italiano *vendemmo*, francês *vendîmes*;

português *vendestes*, espanhol *vendisteis*, provençal *vendetz*, italiano *vendeste*, francês *vendîtes*;

português *venderam*, espanhol *vendieron*, provençal *venderon*, italiano *venderono*, francês *vendirent*.

O romeno buscou formas dos perfeitos fortes em *-ui*: *tăcui, tăcuși, tăcù, tacurăm, tăcurăți, tăcură*.

Restam em alguns verbos os perfeitos em *-ui* (*habui, placui, sapui*), os em *-si* (*dixi, traxi*), os com apofonia (*feci, veni*). Dos com redobro restam *dedi* e *steti*, com perda aliás da consciência do redobro.

Mais-que-perfeito do indicativo

Primeira conjugação

latim *cantaram* > português *cantara*, espanhol *cantara*, provençal *cantera*

latim *cantaras* > português *cantaras*, espanhol *cantaras*, provençal *canteras*

latim *cantarat* > português *cantara*, espanhol *cantara*, provençal *cantera*

latim *cantaramus* > português *cantáramos*, espanhol *cantáramos*, provençal *canteram*

latim *cantaratis* > português arcaico *cantarades*, português moderno *cantáreis*, espanhol arcaico *cantarades*, espanhol moderno *cantaraís*, provençal *canteratz*

latim *cantarant* > português *cantaram*, espanhol *cantaran*, provençal *canteran*

Segunda conjugação

latim *venderam* > português *vendera*, espanhol *vendieran*, provençal *vendera*

latim *venderas* > português *venderas*, espanhol *vendieras*, provençal *venders*

latim *venderat* > português *vendera*, espanhol *vendiera*, provençal *vendera*

latim *venderamus* > português *vendêramos*, espanhol *vendiéramos*, provençal *venderam*

latim *venderatis* > português *vendêreis*, espanhol *vendierais*, provençal *venderetz*

latim *venderant* > português *venderam*, espanhol *venderan*, provençal *venderan*

Terceira conjugação

latim *dormiram* > português *dormira*, espanhol *dormiera*, provençal *dormira*

latim *dormiras* > português *dormiras*, espanhol *dormieras*, provençal *dormiras*

latim *dormirat* > português *dormira*, espanhol *dormiera*, provençal *dormira*

latim *dormiramus* > português *dormíramos*, espanhol *durmiéramos*, provençal *dormiram*

latim *dormiratis* > português arcaico *dormírades*, português moderno *dormíreis*, espanhol arcaico *durmiérades*, espanhol moderno *dormierais*, provençal *dormiratz*

latim *dormirant* > português *dormiram*, espanhol *durmieran*, provençal *dormiran*

Em português, embora pouco usado, conservou a forma e o sentido do tempo latino.

Em espanhol e em provençal conservou a forma, mas vale por um futuro do pretérito, valor que aliás também tem no português literário: *Se mais mundo houvera lá chegara* (*Os Lusíadas*).

Em provençal, a segunda conjugação influenciou na primeira.

Houve um recuo do acento em português e espanhol na primeira e na segunda pessoa do plural.

Este tempo existiu no francês antigo (*roveret* na *Cantilena de Santa Eulalia*) e existe em alguns dialetos italianos com valor de futuro do pretérito.

Mais-que-perfeito do subjuntivo

Primeira conjugação

latim *cantassent* > português *cantasse*, espanhol *cantase*, provençal *cantes*, italiano *cantassi*, francês *chantasse*, romeno *cîntasem*, rético *kantás*;

latim *cantassentis* > português *cantasses*, espanhol *cantases*, provençal *cantesses*, italiano *cantassi*, francês *chantasses*, romeno *cîntaseși*, rético *kantases*;

latim *cantassent* > português *cantasse*, espanhol *cantase*, provençal *cantes*, italiano *cantasse*, francês antigo *chantast*, francês moderno *chantât*, romeno *cîntase*, rético *kantás*;

latim *cantassentis* > português *cantássemos*, espanhol *cantásemos*, provençal *cantessem*, italiano *cantassimo*, francês antigo *chantassiens*, francês moderno *chantassions*, romeno *cîntasen*, rético *kantasen*;

latim *cantassentis* > português arcaico *cantassedes*, português moderno *cantásseis*, espanhol arcaico *cantasedes*, espanhol moderno *cantaseis*, provençal *cantassetz*, italiano *cantaste*, francês *chantassiez*, romeno *cîntaseși*, rético *kantases*;

latim *cantassent* > português *cantassem*, espanhol *cantasen*, provençal *cantessen*, italiano *cantassero*, francês *chantassent*, romeno *cîntase*, rético *kantasen*.

Deu-se o recuo do acento em português, espanhol, italiano, romeno e rético.

A terceira pessoa do plural do italiano sofreu influência do perfeito do indicativo.

No romeno, o tempo serve como mais-que-perfeito do indicativo.

A primeira e a segunda pessoa do singular em português e em espanhol trazem um *e* final analógico ao das demais, pois a terminação *asse* daria *as*, como se encontra em espanhol antigo.

No provençal a vogal característica da segunda dominou sobre a primeira.

Em todas as línguas, menos no romeno, que usa o presente deste modo também como imperfeito, se deu um recuo que transformou o mais-que-perfeito num imperfeito.

Quando o fato era apresentado como não se podendo realizar, o latim vulgar empregava o imperfeito do subjuntivo aplicado à idéia de presente e o mais-que-perfeito aplicado à de passado: *si possem facerem, si potuissem fecissem. Si possem facerem* veio a aplicar-se mais tarde tanto ao presente como ao passado.

Daí, *si potuissem fecissem* tomou o valor de *si possem facerem* e *fecissem*, empregado com o valor de *facerem*, acabou por trazer a eliminação deste último.

Terceira conjugação

latim *dormissem* > português *dormisse*, espanhol *dormiese*, provençal *dormis*, italiano *dormissi*, francês *dormisse*, romeno *dormisem*, rético *dormís*;

latim *dormisses* > português *dormisses*, espanhol *dormises*, provençal *cantesses*, italiano *dormissi*, francês *chantasses*, romeno *cîntaseşî*, rético *kantases*;

latim *dormisset* > português *dormisse*, espanhol *dormise*, provençal *cantes*, italiano *dormisse*, francês antigo *chantast*, francês moderno *chantât*, romeno *cîntase*, rético *kantás*;

latim *dormissemus* > português *cantássemos*, espanhol *cantásemos*, provençal *cantessem*, italiano *dormissimo*, francês antigo *chantassiens*, francês moderno *chantassions*, romeno *cîntasen*, rético *kantasen*;

latim *dormissetis* > português arcaico *dormissedes*, português moderno *cantásseis*, espanhol arcaico *dormisedes*, espanhol moderno *dormiseis*, provençal *dormissetz*, italiano *dormiste*, francês *chantassiez*, romeno *cîntaseşî*, rético *kantases*;

latim *dormissent* > português *dormissem*, espanhol *dormisen*, provençal *cantessen*, italiano *dormissero*, francês *chantassent*, romeno *cîntase*, rético *kantsen*.

Na segunda conjugação desenvolveu-se uma flexão fraca que deu:

latim *vendessem* > português *vendesse*, espanhol *vendese*, provençal *venes*, italiano *vendessi*, francês *vendisse*, romeno *vendesem*, rético *vendés*;

latim *vendesses* > português *vendesses*, espanhol *vendieses*, provençal *vendesses*, italiano *vendessi*, francês *vendisses*, romeno *vindeseși*, rético *vendéses*;

latim *vendesset* > português *vendesse*, espanhol *vendiese*, provençal *venes*, italiano *vendesse*, francês antigo *vendist*, francês moderno *vendît*, romeno *vindese*, rético *vendés*;

latim *vendessemus* > português *vendêssemos*, espanhol *vendiésemos*, provençal *vendessem*, italiano *vendessimo*, francês antigo *vendissiens*, francês moderno *vendissions*, romeno *vîndesem*, rético *vendesen*;

latim *vendessetis* > português arcaico *vendessedes*, português moderno *vendêsseis*, espanhol arcaico *vendiesedes*, espanhol moderno *vendieseis*, provençal *vendessetz*, italiano *vendesti*, francês *vendissiez*, romeno *vîndeseși*, rético *vendeses*;

latim *vendessent* > português *vendessem*, espanhol *vendesen*, provençal *vendessen*, italiano *vendessero*, francês *vendissent*, romeno *vîndese*, rético *vendesen*.

O francês revela influência da terceira conjugação.

Futuro

O futuro imperfeito latino desapareceu.

Na primeira e na segunda conjugações recordava muito o imperfeito (*amabo, amabam*), confundindo-se na terceira pessoa do singular com o perfeito (*amabit, amavit*). Na terceira e na quarta confundia-se na pronúncia do latim vulgar com o presente do indicativo e com o do subjuntivo (*partiam, parties*).

Foi substituído pelo presente do indicativo, o que ainda hoje se dá nas línguas românicas, e por formas perifrásticas de que adiante trataremos.

O futuro anterior do indicativo só se manteve no português, no espanhol, no romeno antigo, no macedo-romeno e no dalmata, tomando aliás nesta língua o valor de um futuro simples e nas outras o de um futuro do subjuntivo.

latim *cantaro* > português arcaico **cantaro*, português moderno *cantar*, espanhol arcaico *cantaro*, espanhol moderno *cantare*, romeno antigo *cîntare*;

latim *cantares* > português *cantares*, espanhol *cantares*, romeno antigo *cîntari*;

latim *cantaret* > português *cantar*, espanhol arcaico *cantare*, romeno antigo *cîntare*;

latim *cantaremus* > português *cantarmos*, espanhol *cantáremos*, romeno antigo *cîntarem*;

latim *cantaretis* > português *cantardes*, espanhol *cantareis*, romeno antigo *cîntareși*;

latim *cantarent* > português *cantarem*, espanhol *cantarem*, romeno antigo *cântare*.

A primeira pessoa do singular revela em português analogia com a terceira, regularmente derivada. Em espanhol, a primeira e a terceira trazem o *e* das demais.

Houve o recuo analógico do acento na primeira e na segunda do plural. A síncope do *e* evitou em português o desaparecimento do *d*.

Terceira conjugação

latim *dormiro* > português arcaico **dormiro*, português moderno *dormir*, espanhol arcaico *durmiere*, espanhol moderno *dormiere*, romeno *dormire*;

latim *dormires* > português *dormires*, espanhol *dormieres*, romeno *dormirǐ*;

latim *dormiret* > português *dormir*, espanhol arcaico *durmiere*, romeno *dormire*;

latim *dormiremus* > português *dormirmos*, espanhol *durmiéremos*, romeno *dormirem*;

latim *dormiretis* > português *dormirdes*, espanhol arcaico *dormieredes*, espanhol moderno *dormiereis*, romeno *dormiret*;

latim *dormirent* > português *dormirem*, espanhol *durmierem*, romeno *dormire*.

Na segunda conjugação, desenvolveu-se uma flexão fraca que deu:

latim *vendero* > português arcaico **vendero*, português moderno *vender*, espanhol arcaico *vendiero*, espanhol moderno *vendiere*, romeno *vîndere*;

latim *venderes* > português *venderes*, espanhol *vendieres*, romeno *vînderǐ*;

latim *venderet* > português *vender*, espanhol *vendiere*, romeno *vîndere*;

latim *venderemus* > português *vendermos*, espanhol *durmiéremos*, romeno *vînderem*;

latim *venderetis* > português *venderdes*, espanhol arcaico *vendieredes*, espanhol moderno *vendiereis*, romeno *vînderet*;

latim *venderent* > português *venderem*, espanhol *vendieren*, romeno *vîndere*.

Tempos perifrásticos

O emprego do participípio passado como predicativo deu origem a uma perífrase que aos poucos foi permitindo exprimir analiticamente os tempos do passado. *Habeo, spatham cinctam*, comparável a *habeo spatham longam*, passou a equivaler a *cinxi spatham*.

O perfeito latino tanto se aplicava ao que se passou há muito tempo como ao que se acabava de passar.

No começo, em tais frases dominava a idéia de uma posse referida ao presente.

Como o possuidor era quem havia exercido a ação indicada pelo particípio, a idéia possessiva se enfraqueceu e a perífrase passou a indicar simplesmente, na maioria dos casos, uma ação passada cujos efeitos se estendiam ao presente. O particípio então ficou invariável.

Daí, em todas as línguas românicas, os perfeitos compostos *hei cantado, he cantado, ai cantat, ho cantato, ai chanté, am cîntat, e kantaus*.

Na Península Ibérica, *tenere* concorria com *habere* nestas perífrases, daí o português *tenho cantado*, que se tornou usual.

Com os verbos intransitivos o auxiliar era *esse*, usado ainda pelo francês e pelo italiano.

Do perfeito a perífrase irradiou para outros tempos (*habebam dictum, habui dictum, habeam dictum, habuissem dictum, habere dictum*), que deram o mais-que-perfeito composto e pretérito anterior do indicativo, pretérito perfeito e mais-que-perfeito composto do subjuntivo, perfeito do indicativo.

Ao lado do presente, como vimos, criaram-se várias perífrases para substituir o desaparecido futuro imperfeito: *cantare habeo, habeo cantare, habeo ad cantare, debeo cantare, volo cantare, venio ad cantare*.

De todas elas, a primeira foi a mais espalhada (Portugal, Espanha, França, Itália Central).

Habeo cantare apareceu em Portugal, na Espanha e na Itália Setentrional.

Volo cantare se encontra no romeno, talvez por influência grega.

Habeo ad cantare se encontra no antigo romeno e no sardo.

Debeo cantare, no logudorês.

Finalmente, *venio ad cantare*, no sobresselvano, provavelmente por influência alemã.

Os dois membros da perífrase, sob a ação dos outros tempos sintéticos, tenderam a unir-se, o que acarretou interessantes fenômenos fonéticos.

Por um requinte de proporcionalidade entre a acentuação e o número de sílabas, as formas do verbo *habere* deviam ter sofrido reduções que dariam: *cantare-*ayo, cantare-as, cantare-a, cantare-emus, cantare-etis, cantare-ant*.

Daí:

Primeira conjugação

latim *cantare*-*ayo > português *cantarei*, espanhol *cantaré*, provençal *cantarei*, italiano *canterò*, francês *chanterai*;

latim *cantare*-as > português *cantarás*, espanhol *cantarás*, provençal *cantaras*, italiano *canterai*, francês *chanteras*;

latim *cantare*-a > português *cantará*, espanhol *cantará*, provençal *cantara*, italiano *canterà*, francês *chanterai*;

latim *cantare*-emus > português *cantaremos*, espanhol *cantaremos*, provençal *cantarem*, italiano *canteremo*, francês *chanterons*;

latim *cantare*-etis > português arcaico *cantaredes*, português moderno *cantareis*, espanhol moderno *cantaredes*, espanhol moderno *cantaréis*, provençal *cantaretz*, italiano *canterete*, francês *chanterez*;

latim *cantare*-ant > português *cantarão*, espanhol *cantarán*, provençal *cantaran*, italiano *canteranno*, francês *chanteront*.

A prócise é responsável pelo *e* das formas italianas.

Segunda conjugação

latim *vendere*-*ayo > português *venderei*, espanhol *venderé*, provençal *venderai*, italiano *canterò*, francês *vendrai*;

latim *vendere*-as > português *venderás*, espanhol *venderás*, provençal *vendras*, italiano *canterai*, francês *vendras*;

latim *vendere*-a > português *venderá*, espanhol *venderá*, provençal *vendra*, italiano *venderà*, francês *vendra*;

latim *vendere*-emus > português *venderemos*, espanhol *venderemos*, provençal *vendrem*, italiano *venderemo*, francês *vendrons*;

latim *vendere*-etis > português arcaico *venderedes*, português moderno *vendereis*, espanhol moderno *venderedes*, espanhol moderno *venderéis*, provençal *venderetz*, italiano *venderete*, francês *vendrez*;

latim *vendere*-ant > português *venderão*, espanhol *venderán*, provençal *vendran*, italiano *venderanno*, francês *vendront*.

Terceira conjugação

latim *dormire*-*ayo > português *dormirei*, espanhol *dormiré*, provençal *dormirai*, italiano *dormirò*, francês *dormirai*;

latim *dormire*-as > português *dormirás*, espanhol *dormirás*, provençal *dormiras*, italiano *dormirai*, francês *dormiras*;

latim *dormire*-a > português *dormirá*, espanhol *dormirá*, provençal *dormira*, italiano *dormirà*, francês *dormira*;

latim *dormire*-emus > português *dormiremos*, espanhol *dormiremos*, provençal *dormirem*, italiano *dormiremo*, francês *dormirons*;

latim *dormire*-etis > português arcaico *dormiredes*, português moderno *dormireis*, espanhol moderno *dormiredes*, espanhol moderno *dormiréis*, provençal *dormiretz*, italiano *dormirete*, francês *dormirez*;

latim *dormire*-ant > português *dormirão*, espanhol *dormirán*, provençal *dormiran*, italiano *dormiranno*, francês *dormiront*.

O futuro do pretérito passou a ser dado por uma perífrase formada do infinitivo, seguido do imperfeito de *habere* em português, espanhol, provençal e francês, e do pretérito em italiano.

As formas de *habere* também sofreram reduções.

Daí:

Primeira conjugação

português *cantaria*, espanhol *cantaría*, provençal *cantaria*, italiano *canterei*, francês antigo *chanteroi*, francês moderno *chanterais*;

português *cantarias*, espanhol *cantaría*, provençal *cantarias*, italiano *canteresti*, francês antigo *chanteroi*, francês moderno *chanterais*;

português *cantaria*, espanhol *cantaría*, provençal *cantaria*, italiano *canterebbe*, francês antigo *chanteroit*, francês moderno *chanterait*;

português *cantaríamos*, espanhol *cantaríamos*, provençal *cantariam*, italiano *canteremo*, francês antigo *chanteriens*, francês moderno *chanterions*;

português arcaico *cantaríades*, português moderno *cantaríeis*, espanhol moderno *cantariades*, espanhol moderno *cantaríeis*, provençal *cantariatz*, italiano *cantereste*, francês *chanteriez*;

português *cantariam*, espanhol *cantarian*, provençal *cantarian*, italiano *canterebbero*, francês antigo *chanteroi*, francês moderno *chanterai*.

Segunda conjugação

português *venderia*, espanhol *vendería*, provençal *vendria*, italiano *venderei*, francês antigo *vendrois*, francês moderno *vendrais*;

português *venderias*, espanhol *venderías*, provençal *vendrias*, italiano *venderesti*, francês antigo *vendroies*, francês moderno *vendrais*;

português *venderia*, espanhol *vendería*, provençal *vendria*, italiano *venderebbe*, francês antigo *vendroit*, francês moderno *vendrait*;

português *venderíamos*, espanhol *venderíamos*, provençal *vendriam*, italiano *venderemmo*, francês antigo *vendriens*, francês moderno *vendrions*;

português arcaico *venderíades*, português moderno *venderíeis*, espanhol moderno *venderiades*, espanhol moderno *venderíeis*, provençal *vendriatz*, italiano *vendereste*, francês *vendriez*;

português *venderiam*, espanhol *venderían*, provençal *vendrian*, italiano *venderebbero*, francês antigo *vendroient*, francês moderno *vendraient*.

Terceira conjugação

português *dormiria*, espanhol *dormiría*, provençal *dormiria*, italiano *dormirei*, francês antigo *dormirois*, francês moderno *dormirais*;

português *dormiriam*, espanhol *dormirías*, provençal *dormiriam*, italiano *dormiresti*, francês antigo *dormiroies*, francês moderno *dormirais*;

português *dormiria*, espanhol *dormiría*, provençal *dormiria*, italiano *dormirebbe*, francês antigo *dormiroit*, francês moderno *dormirait*;

português *dormiríamos*, espanhol *dormiríamos*, provençal *dormiriam*, italiano *dormiremmo*, francês antigo *dormiriens*, francês moderno *dormirions*;

português arcaico *dormiríades*, português moderno *dormiríeis*, espanhol moderno *dormiriades*, espanhol moderno *dormiríeis*, provençal *dormiriatz*, italiano *dormireste*, francês *dormiriez*;

português *dormiriam*, espanhol *dormirían*, provençal *dormirian*, italiano *dormirebbero*, francês antigo *dormiroient*, francês moderno *dormiraient*.

Na primeira pessoa do singular, o italiano apresenta desinência de um perfeito franco.

O romeno usa uma perífrase constituída por formas que têm sido ligadas ao grego e ao presente do indicativo de *habere* e pelo infinitivo *as*, *aĩ*, *ar*, *am*, *aĩ*, *ar cînta*, ou

cântare-as, cântare-aî, cântare-ar, cântare-am, cântare-aî, cântare-ar. Antes vigorou uma perífrase com o imperfeito de *a voi*, querer (*vrea cîntra, vreaî cîntra, vrea cîntra, vream cîntra, vreaî cîntra, vrea cîntra*).

Tanto o futuro do presente como o do pretérito apresentam formas compostas com os mesmos tempos simples de *habere* e o particípio passado.

Da voz passiva sintética latina desaparecida salvou-se o particípio passado.

latim *cantatu* > português *cantado*, espanhol *cantado*, provençal *cantat*, italiano *cantato*, francês *chanté*, romeno *cîntat*, rético *kantau(s)*;

latim **vendutu* > português *vendido*, espanhol *vendido*, provençal *vendut*, italiano *venduto*, francês *venu*, romeno *vîndut*, rético *vendiui(s)*;

latim *dormitu* > português *dormido*, espanhol *dormido*, provençal *dormit*, italiano *dormito*, francês *ddormi*, romeno *durmit*, rético *dormiu*.

Na segunda conjugação, as formas se prendem ao perfeito em *-ui*. O português e o espanhol, que já tiveram particípio em *-udo* e que ainda hoje apresentam vestígios (*teúdo, manteúdo*), seguiram a terceira conjugação.

Alguns particípios fortes se conservaram: latim *dictu* > português *dito*, espanhol *dicho*, italiano *detto*, francês *dit*, romeno *zis*; latim *missu* > francês *mis*, italiano *nesso*.

SINTAXE

BIBLIOGRAFIA:

MEYER-LÜBKE, *Gram.*, III; BOURCIEZ, *Élém.*, §§ 106-36, 226-57, 311-25, 377-94, 438-52, 494-509, 528-34, 557-68; ZAUNER, *Rom. Spr.*, II, §§ 95-182.

A sintaxe é o estudo da seqüência de palavras.

Na sua forma, na sua significação e no seu modo de constituir-se.

Seqüência de palavras nos membros de frase, seqüência de membros na frase, seqüência de frases no período.

Os membros de frase são constituídos por palavras relacionadas tão estreitamente que não é possível separá-las.

Assim, quando dizemos: *Você perdeu sua bolsa*, sentimos que na frase há dois membros: *você perdeu* e *sua bolsa*. Nesta frase não há nenhuma ligação entre *perdeu* e *sua*, mas há ligação de *perdeu* com *você* e de *sua* com *bolsa*.

Estas ligações podem ser assindéticas ou sindéticas.

Assindéticas como *você perdeu* e *sua bolsa*, no exemplo citado.

Sindética, como em *fácil de fazer*, onde não é admissível *fácil de* nem *de fazer*, mas sim o conjunto *fácil de fazer*.

SEQÜÊNCIA DAS PALAVRAS

Substantivo

O substantivo liga-se a outro substantivo, a advérbios e verbos no infinitivo.

A ligação com outro substantivo pode ser assindética ou sindética.

Assindética, na função de adjunto atributivo ou aposto: *la reine Louise; el río Tajo, Umberto, re d'Italia*. Na função de adjunto limitativo (relação de posse), no francês antigo e no provençal: *le cor Rolant* (a trompa de Orlando). Vestígios atuais: *Hôtel-Dieu, église Saint Pierre, rue Auber*.

A preposição *de* aparece principalmente na relação de genitivo. Pode vir também nas de origem, matéria, posse, especificação, em sentido partitivo etc.: *uvas da Califórnia, anillo de oro, il libro del padre, titre de comte, um pedaço de carne* etc.

A preposição *ad* indica o fim, a destinação: *ciseaux à ongles*. O italiano usa *da* (*de* mais *ad*): *ragazza da marito*. O português e o espanhol, *para* (*per* mais *ad*): *copo para água, vaso para água*.

No francês antigo e no popular de hoje e no provençal aparece um valor possessivo.

No francês marca a especificação: *Berthe aux grands pieds*.

A conjunção *et* junta, equivalendo a uma preposição: *padre e figlio*. O português usa também *cum, magis: pai com filho, pai mais filho*. O romeno emprega *și, de sic*.

A conjunção *aut* junta, acrescentando a idéia de alternância: *pater aut mater > pai ou mãe*.

A conjunção *nec* junta, acrescentando a idéia de exclusão: *pater nec mater > pai nem mãe*. Pode aparecer repetida: *nec pater nec mater > nem pai nem mãe*.

No romeno, por meio do genitivo-dativo, o substantivo se liga a outro assindeticamente: *casă regului*, a casa do rei.

O substantivo liga-se ao advérbio assindética ou sindeticamente: *le temps jadis, la più gente, um menino assim, o dia de hoje, a gente de lá*.

Há um valor adjetival em tais ligações.

Finalmente, liga-se sindeticamente ao infinitivo por meio das preposições *de, ad e per*: *art de lire, casa da vendere, trabajo por acabar, casa para alugar*. O adjetivo liga-se assindeticamente com um substantivo, na função de adjunto atributivo: *un hombre bueno*. Quando posposto, serve para distinguir o substantivo de outros da mesma espécie: *hombre grande*. Há homens grandes e homens pequenos; aquele de que tratamos é grande. Quando preposto, o adjetivo atribui afetivamente ao substantivo uma qualidade, sob o domínio do sentimento: *um grande hombre, um pobre hombre, um triste pianista*.

O adjetivo liga-se sindeticamente ao substantivo por meio de várias preposições (*de, ad, per, in, cum*), em várias relações: *haut de jambes, utile alla gioventù, contento con su suerte, fertil em expedientes*.

Liga-se assindeticamente com advérbios de quantidade (*multum, bene, forte, satis, pouco, de magis* etc.): *molto grande, bien heureux, fort vaillant, assez grand, pouco alto, alto demais* etc.).

Liga-se com verbos no infinitivo sindeticamente, por meio de várias preposições: *charmé de voir, disposto a venire, facile da fare, impróprio para beber*.

Os numerais ligam-se assindeticamente com os substantivos: *três dias, tres días, tres di, tre giorni, trois jours, treĭ zile*.

De vinte em diante, no romeno, por influência eslava, a ligação se faz sindeticamente por meio da preposição *de*: *două zeci de cai*, vinte cavalos. Facultativamente, *de* pode aparecer com os ordinais: *luna cea de a parta*, a quarta lua.

A ligação com *de* tem valor partitivo: *tres de mis amigos*.

Os pronomes pessoais ligam-se a substantivos e a pronomes sindeticamente por meio das conjunções *et, aut* e *nec*, como os substantivos: *toi et moi, tú o él, nem tu nem ele*.

Pode aparecer em ralação de genitivo, com a preposição *de*: *la casa de ella*.

Os possessivos ligam-se assindeticamente a substantivos: *mon père, il mio nome, tua casa*. O espanhol distingue formas proclíticas e enclíticas: *mi padre, padre mio, tu padre, padre tuyo, su padre, padre suyo*.

O português, o italiano e o romeno admitem possessivo acompanhado de artigo definido: *a minha casa, il mio nome, fratele mieu*. O espanhol antigo e o francês antigo admitiam também: *los sos ojos, le mien père*.

Os demonstrativos ligam-se a substantivos e a pronomes sindeticamente por meio das conjunções *et, aut* e *nec*: *questo e quello, questa o quella, nem este nem aquele*.

Podem aparecer em relação de genitivo, com a preposição *de*: *a casa deste, le père de celui*.

O artigo definido liga-se precipuamente ao substantivo, assindeticamente: *o pai, el padre, lou paire, il padre, le père*. No romeno pospõe-se: *tatăl (tată mais l)*.

Quando se liga a outra categoria de palavras, substantiva esta categoria: *el sí, o não, o porquê, o beber, os onze*.

Vindo acompanhado de adjetivos, o artigo definido se coloca antes do adjetivo: *la buena hermana, la bonne soeur, la buona sorella*.

Transforma em superlativo o comparativo de superioridade: *la mujer más hermosa*, repetindo-se no francês moderno: *la femme la plus belle*.

O verbo em modo finito liga-se assindeticamente ao substantivo que serve de sujeito, ao que serve de objeto direto e ao que serve de predicativo: *Le roi est mort. Ella tiene hermanas. Mario è pianista.*

Em romeno também se liga assindeticamente ao substantivo em dativo, na função de objeto indireto: *am dat ligura copilului, dei a colher ao rapaz.*

Em francês antigo e em provençal, o caso oblíquo de nome de pessoa também se empregava assim.

Em espanhol e em romeno o objeto direto que represente pessoa é ligado ao verbo sindeticamente; em espanhol, com a preposição *a*; em romeno, com *pe*: *El padre ama al hijo, tatăl iubește pe fiul.*

Em português a preposição também se emprega, não em caráter obrigatório: *estimo a meus pais.*

O objeto direto partitivo é precedido da preposição *de*: *je veux du pain, desta água não beberei.*

O predicativo pode também vir ligado por meio de preposição: *prendre pour mari, avere per amico, ter por honrado.*

Liga-se assindeticamente com o pronome nas funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto e predicativo (*io canto, lo veo, donnez-moi, quem és tu?*) e asindeticamente pela preposição *ad*: *damos a ti o privilégio.*

Liga-se assindeticamente com o infinitivo quando este exerce as funções de sujeito, objeto direto e predicativo: *sair é difícil, quiero ir, esperer c'est jouir.*

O infinitivo objeto direto aparece com os auxiliares modais (*possum, volo, debeo*), com os verbos que indicam começo ou fim (*incipio, cesso* etc.) e com os que se referem à inteligência e à vontade (*cogito, recordor, obliviscor, cupio*) formando-se verdadeiras locuções verbais.

Excepcionalmente, a ligação assindética se encontra na circunstância de fim em português, espanhol, provençal e francês, com verbos de movimento: *ven ver, viens voir.*

Na fase antiga, aparecem ligações sindéticas com as preposições *ad* e *de* no infinitivo sujeito de algumas línguas, só se mantendo no francês atual: *il est utile d'étudier.*

Contrariamente à noção de que o sujeito não pode vir regido de preposição, insinuou-se no infinitivo-sujeito uma idéia de lugar ou de relação, a qual com o tempo se desvalorizou completamente.

Ligações sindéticas do infinitivo-objeto direto com as preposições *de* ou *ad* se encontram nas várias línguas no período antigo e no atual. Principalmente com os verbos que significam “esperar, desejar, ousar, começar, acabar, jurar, prometer etc.”

Ligações sindéticas com *de* e *ad* no infinitivo-predicativo também aparecem: *é de creer, es de creer, è da credere, il est à croire*.

Várias preposições ligam com o verbo principal o infinitivo empregado como adjunto circunstancial.

Os verbos de ver e ouvir ligam-se assindeticamente com o gerúndio empregado com predicativo do objeto direto e como adjunto circunstancial: *vejo-o lendo, le veo leyendo, lo trovai giuocando, n’auxì ciobanî bucîumînd* (não ouvi os pastores buzinando). *Aprende-se pelejando*. O gerúndio pode vir ligado pela preposição *in*: *c’est en forgeant qu’on devient forgeron*.

O particípio passado une-se assindeticamente com o substantivo em locuções equivalentes ao ablativo absoluto latino: *fiesta acabada, músicos a pé; fatta la legge, trovato l’inganno; cela posé, allez-vous en; comida la cena, vete*.

Para este fim, o romeno usa o gerúndio e não o particípio.

O verbo se liga ao advérbio assindeticamente: *Iré mañana*. As locuções que constituem complementos circunstanciais, assindética ou sindeticamente. Assindeticamente, com os complementos de tempo, preço, valor: *Stanotte andremo via. Je resterei là deux jours. Este livro custa trinta cruzeiros*.

Sindeticamente, com os de tempo, lugar, modo etc., com várias preposições.

Os verbos auxiliares apresentam ligações especiais.

Os verbos *habere, tenere* (em ortuguês), *esse* ligam-se com o particípio passado para formar tempos do passado. *Habere* e *tenere* com verbos transitivos (em português e espanhol também com intransitivos) e *esse* (principalmente em francês e italiano), com intransitivos: *j’ai chanté, has dormido, abbiamo dormito, ai ama, am cîntat, tenho cantado, je suis allé, tu sei andato*.

Os verbos *esse* e *venire* (este em rético) servem para a formação da voz passiva: *sou amado, soy amado, sieu ama, sono amato, sunt laudat, el vatin lodá*.

O português, o espanhol e o italiano conhecem ligações de *stare* e *ire* com o gerúndio para designar uma ação durativa: *estou cantando, estoy cantando, sto cantando, vou cantando, voy cantando, vo cantando*. O francês antigo as conheceu.

Os verbos *habere, *volere, esse, stare* e *venire* apresentam ligações sindéticas e assindéticas com o infinitivo.

Assindeticamente, *habere*, **volere* em romeno e *venire* em rético formam os futuros, do presente e do pretérito: *cantarei, cantaria, cantaré, cantaria, cantarai, cantaria, canterò, canterei, chanterais, voi cîntà*, ou *cîntà voi, vrea cîntà* ou *cîntà vrea* (forma antiquada), *veng kuntar* (Obwald; mais raro do que *veng a kuntar*), usando o rético o imperfeito do subjuntivo como futuro do pretérito.

Assindeticamente, *ire* serve para o ingressivo: *vou sair, je vais sortir*.

Sindeticamente, *habere de* aparece nos futuros obrigatórios do português e do espanhol: *hei de ir, havia de ir, he de ir, habia de ir*.

Stare per indica ação prestes em português, espanhol e italiano: *estou para ir, estoy para ir, sto per ire*.

Ire ad serve para o ingressivo em espanhol e já serviu no português antigo: *voy a salir*.

Esse per serviu para a ação prestes no francês médio (*il est pour partir*) e ainda serve no italiano: *è per partire*.

Venire ad em português, espanhol e francês aparece com idéia de resultado: *vim a saber, vine a saber, s'il venait à mourir*.

Venire de indica em francês a ação acabada de realizar-se: *vient de paraître*.

A maior diferença entre a construção latina e a românica está em que na primeira o determinante precede o determinado, ao passo que na segunda se dá justamente o contrário.

Daí resulta que os complementos de toda natureza precedem em latim o verbo, o qual em regra vem no fim da proposição.

É verdade que o latim vulgar já não obedecia estritamente a esta regra; sua construção já se parecia com a românica: *Alexander Darium vicit, Alexander vicit Darium*.

O caráter afetivo da proposição pode fazer com que qualquer termo que não o sujeito comece a proposição. Nas orações intercaladas é comum (*volte, disse ele, para o seu lugar*). Nas interrogativas, freqüentemente o sujeito vem depois do verbo (*dois-je aller?, quando chegará ele?*).

A existência de casos dava à frase latina inteira liberdade de construção, pois as funções sintáticas estavam perfeitamente claras.

O desaparecimento deles trouxe às línguas românicas menos liberdade neste particular, havendo mesmo línguas, como a francesa, onde a ordem direta é de rigor.

Como os termos da proposição, as proposições se ligam umas às outras assindeticamente ou sindeticamente, por meio de pronomes relativos ou de conjunções. Duas ou

mais proposições de sentido completo podem justapor-se simplesmente (*o rouxinou é uma ave; a carpa é um peixe*) ou ligarem-se por meio de conjunções coordenativas.

A ligação de mera conexão entre frases da mesma natureza era dada por *et* em todas as línguas menos no romeno (português, aromeno, engadino e loudorês *e*, espanhol *e* e *y*, provençal *e* (*z*), italiano *e* (*d*), francês antigo *e* e francês moderno *et*). O romeno (com exceção do aromeno) usou *sic* > *și*, que o francês antigo e o provençal conheceram.

A coordenação negativa era dada por *nec, neque* (português *nem*, espanhol *ni*, provençal *ne, ne, ni*, italiano *nè*, logudorês *nen*, egadino *ne*, francês antigo *ne*, francês moderno *ni*, romeni *nicî*).

A coordenação alternativa era dada por *aut* (português *ou*, espanhol *o* e *u*, provençal *o* (*z*), italiano *o* (*d*), francês antigo *o*, diante de vogal *ou*, francês moderno *ou*, romeno *saũ*, de *seu* e *aut*, logudorês *a*, engadino *u*).

A coordenação adversativa era dada principalmente por *magis* (que fazia ressaltar a oposição entre duas frases e suplantou *sed* e as outras conjunções): português, espanhol e provençal *mas*, italiano, macedo-romeno e engadino *ma*, francês *mais*, romeno *iară*, de *ea re*.

A coordenação conclusiva se exprimia por meio de expressões temporais, como *lo-co* (português *logo*, espanhol *luego*), *post* (português *pois*, espanhol *pues*) e outras.

A coordenação causal era dada por *nam*, que desapareceu. As línguas românicas não distinguiram a coordenação causal da subordinação causal pois ficaram só com a conjunção causal da subordinativa, também usada como coordenativa, exceto o francês que criou *car*, de *quare*.

As proposições subordinativas ligam-se assindética ou sindeticamente às principais.

Assindeticamente, via de regra na língua falada, em que a entoação ajuda a sentir a natureza da proposição. O ouvinte ou o leitor, que se dêem conta da relação existente.

Exemplos: *Está chovendo; parece* (parece que está chovendo, subjetiva). *Ele chegou; afirmo* (afirmo que ele chegou, objetiva). *Não o vejo há três dias* (circunstancial de tempo, hoje analisada como um adjunto circunstancial, equivalendo *ha* a *desde*). *Quer guardar seu dinheiro? não jogue* (se quer guardar seu dinheiro, não jogue, condicional). *Pedisse-me ele permissão não lha daria* (embora ele me pedisse permissão, não lha daria, concessiva).

Parecem coordenadas, mas além do tom, o sentido revela que não são.

Sindeticamente, as proposições se ligam por meio de pronomes relativos em várias funções sintáticas e por meio de conjunções subordinativas.

Os derivados do latim *qui* aparecem em todas as línguas, exceto no romeno, onde existe *care*, de *quale*: *A casa que comprei é boa. El hombre que usted vió es mi padre.*

As integrantes apresentam a conjunção *que* (português, espanhol, provençal e francês *que*, italiano *che*, logudorês *ki*, rético *cã*).

As temporais apresentam *quando* (português e italiano *quando*, espanhol *cuando*, provençal *can*, francês *quand*, romeno *cînd*, logudorês *kando*, engadino *caund*), *dum interim*, ainda vivo no espanhol *mientras* e no italiano *mentre*, diversamente substituído pelas demais línguas, outras formadas pela junção de *que* a advérbios e preposições (*antes que*, *depois que*, *logo que*, *assim que*, *tanto que*, *desde que*, *até que*).

A causal primitiva *que* anida se encontra viva em português e espanhol; houve novas formações, a principal das quais é com a preposição *por* em relação de causa (português *porque*, espanhol *porque*, italiano *perchè*, francês *parce que*). O romeno usa *cã*, de *quod*.

A consecutiva em todas as línguas, exceto o romeno, vem de *que*.

Como final, usava-se *que* com o verbo no subjuntivo. Vieram depois formações com preposições (português *para que*, espanhol *para que*, italiano *perchè*, francês *pour que*). O romeno usa *ca să* (*quod si*).

A condicional geral foi *si* (português e italiano *se*, espanhol, provençal, francês e logudorês *si*, engadino *scha*). O romeno usa *dacã*, de *de*, obscura na origem, e *cã* (*quod*).

A subordinação concessiva se fazia assindeticamente, pondo no subjuntivo a proposição que continha a concessão, segundo o modelo latino: *des quantumvis, nusquam apparet* (Plauto, *Truculentus*, 553). No francês antigo: *il m'ocie, ne laisserai de le dire* (mate-me ele, não deixarei de dizê-lo). Vestígio no português atual: *Haja o que houver!* Depois a proposição que continha a concessão passou a ser reforçada por advérbios ou locuções, mais tarde reforçados alguns por *que* (*ainda que*, *bem que*, *embora*, *cantanto que* etc.).

TEXTOS ANEXOS DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

NOTÍCIA DE TORTO (1185-1211)	
TEXTO GALEGO: CANTAR GALLEGO.....	
TEXTO ESPANHOL: POEMA DE MÍO CID - <i>Cantar Primeiro</i> : DESTIERRO DEL CID	
TEXTO PROVENÇAL: MIRÈIO (<i>Canto primeiro, estância I-V</i>).....	
TEXTO ITALIANO: IL CANTICO DEL SOLE (<i>século XIII</i>)	
TEXTO FRANCÊS: SERMENTS DE STRASBOURG (842).....	
TEXTO RÉTICO.....	
TEXTO DÁLMATA.....	
TEXTO ROMENO.....	
TEXTO SARDO.....	

NOTÍCIA DE TORTO
(1185-1211)

...noticia de torto que fecerum a *Laurencius Fendandiz*, por plazo, que fece *Gonçauo Ramiriz* antre suos filios, e *Lourenço Ferrnandiz*, quale podedes saber, e oue auer derdade, e dauer tanto quome uno de suos filios, daquanto podessem auer de bona de seuo pater e fiolios seu pater e sua mater: E depois, facerum plazo nouo e convem a saber quale, in elle seem taes firmamentos, quales podedes saber. *Ramiro Gonçaluiz* e *Goncaluo Gonca*, *Eluira*, *Goncaluiz* forum fiadores de sua Irmana, que orgase aquele plazo, come illos: super isto plazo ar ferum suo plecto e a maior ainda que illos hic conocerum que les acanocerse *Lourenço Ferrnandiz* sa irdade per preito, que a teuese o Abate de santo martino, que como uencessem, ootra, que asi les dese de ista o Abade, e que nunqua illos lecxassem daquela irdade, d... sem seu mandato: Se a lexarem, intregaren ille de ootra, que li plaza: E dauer que ouerum de seu pater, nunqua le inde derum parte. Deu Dum *Guncauo* e *Laurenço Fernandes*, e *Martim Gonçalluiz* XII, casaes por arras de sua auoo: E filarumli illos inde VI, casales cum torto: E podedes saber como. Mando Dum *Guncavo* a sua morte de XVI. casales de Veracin, que fructarum, e que li nunqua inde derum quinnons, e de VII. e medio casaes antre Coina e Bastuzio, unde li nunqua derum quiniom. E de III in Tefuosa, unde li nunqua ar derum nada. E II. in Figeerecdo, ude li non ar li derum quiniom: E duno casal de Coina, que leuarum inde iii anos o fructu cum torto: E por istes tortos, que li fecerum, tem qua seu plazo quebrantado, e qualio deuem porsanar. E depois ouerum seu mal, e meteu o Abade pac atre illes in no Carualio de Laurecdo: E rogouo o Abade tanto, que beiso cum illes: derumli XIV morabitinos qui li filarum: E depos iste preicto prenderumli o seruical, otro omem de sa casa, e troserumno XVIII. dias per montes, e fece, rumles tam maa prison, perque leuarum deles quanto poderum aver: e depos li disunro *Guncauo Goncauiz* sa fili pechena: E irmar (un) XIII casales, unde perdeu fructu: E isto fui depois que furum fiidos anto Abate: E depois que furum infiados por juizo de ilo rec: E nunca illi feze neu mal por todo aquesto. E fezeles agudas, quales aqui ouirecdes. Super sua aguda fez testifiigo cum *goncauo Cebolano*, e super sua ajuda ar fuili a casa, e filoli quanto que li agou, e deu a illes. E super sa ajuda oue testifiigo cum *petro gomez*, omezio qui li custou maes ka C. *Maravidis*: E super sa aiud oue mal cum *gonsaluo gomez*, que li custou multo de aver e muita perda: em sa ajuda oue mal cum *Goncaluo Saariz*: in sa ajuda oue mal cum *Ramiro Fernandiz*, que li custou muito aver, muita per-

da: Em sa ajuda fui II fezes a Coimbra: Em sa ajuda dixi mul... uices, e ora in ista tregua furum a Veracim, amazarumli os omens, erma li X. Casaes seu torto al rec. E super sa iud mandoc lidar seus omens cum *Martim Johanes*, que quira desunrar sa irmana: E cum ille, e cum sa casa, e cum seu pam, e cum seu uino, uencestes uosa erdade, e cum ille existis de sua casa, in ipso die, que uola quitarum: E ille teue a uosa rezom. E outras ajudas multas que fez: E plus li a custado uosa ajuda, qua li inde cae derdade: E subre becio e super fiimento se ar quiserdes ouir as desonras, que ante ihc furum, ouvideas, Venerum Uila e filoli o porco ante seus filios, e comerumsilo: Uenerum alia uice, er filurum o triigo ante illes, er comerumso: Uenerum in alia uice, er filiarum una ansar ante sa filia, er comerumsea: In alia uice, ar filarli o pane ante suos filios: In alia uice, ar verum hic, er filiarum inde o uino ante illos: E otro inhc uenerumli filar, ante seus filios, quanto li agarum in quele casal, e furumli ou ueriar, e prenderum inde o colaço, unde mamou... re eg... arumno, e getar in terra polo cecar, e lerum delle quanto oue: In alia uice ar furum a Feracim, e prenderum II omens, e gacarumnos e lerum deles quanto que ouerum: In outra fice ar prenderum otros dous... seu irmano, *Pelagio Fernandiz* e jagarumnos: in otra uerum a... e leuar IV. *Pelagio Fernandiz*.

(Cartório do Mosteiro de Vairão, maço I de pergaminhos antigos n° 45, J. P. Ribeiro. *Dissertações*, p. 282-4).

TEXTO GALEGO

CANTAR GALLEGO

Adiós, ríos; adiós, fontes,
Adiós, regatos pequenos;
Adiós, vista d'os meus olhos,
Non sei cándoo nos veremos.

Miña terra, miña terra,
Terra donde m'eu criei,
Hortiña que quero tanto,
Fiqueiriñas que prantei:
 Prados, ríos, arboredos,
Pinares que move o vento,
Paxariños piadores,
Casiña d'o meu contento:
 Muiño d'os castañares,
Noites craras de luar
Campaniñas timbradoiras
D'a igrexiña d'o lugar:
 Amoriñas d'as silveiras
Qu'eu lle daba ô meu amor,
Camiñiños antr'o millo,
¡Adiós, para sempr'adiós!
 ¡Adiós, glória! adiós, contento!
Deixo a casa onde nascín,
Deixo a aldea que conoço,
Por un mundo que non vin!
 Deixo amigos por extraños,
Deixo a veiga pol-o mar,
Deixo, en fín, canto ben quero...
¡Qué pudiera non deixar!...
 Mais son probe e mal pocado,
 A miña terra n' é miña,

Qu'hastra lle dan de prestado
A beira por que camiña
O que nasceu desdichado.
Téñovos, pois, que deixar,
Hortiña que tanto amei
Figueiriña d'o meu lar,
Arboriños que prantei,
Fontiña d'o cabañar.
Adiós, adiós, que me vou,
Herbiñas d'o camposanto,
Donde meu pai se enterrou,
Herbiñas que biquei tanto,
Terriña que nos criou.
Adiós, Virxe d'Asunción,
Branca com'un serafín,
Lévovos n-o corazón,
Pedídelles a Dios por min,
Miña Virxe d'Asunción.
Xa s'oyen lonxe, moi lonxe
As campanhas d'o pomar,
Para min, ¡ai! coitadiño,
Nunca máis han de tocar.
Xa s'oyen lonxe, moi lonxe,
Cada balad' é un dolor,
Voume soyo, sin arrimo...
Miña terra, ¡adiós! ¡adiós!
Adiós, tamén, queridiña...
Adiós por sempre, quizáis!
Dígoch'este adiós chorando
Desd'a veiriña d'o mar.
Non m'olvides, queridiña,
Si morro de soidás...
Tantas légoas mar adentro...
¡Miña casiña!, meu lar!

ROSALIA CASTRO

TEXTO ESPANHOL
POEMA DE MÍO CID

Cantar Primeiro

DESTIERRO DEL CID

De los sos ojos tan fuertemiente llorando,
Tornava la cabeça i estávalos cantando.
Vio puertas abiertas e uços sin cañados,
alcándaras vazias sin pielles e sin mantos,
e sin falcones e sin adtores mudados.
Sospiró mio Çid, ca mucho avie grandes cuidados.
Fabló mío Çid bien e tan mesurado:
¡grado a ti, señor padre, que estás en alto!
“Esto me an buolto mios enemigos malos.”
Allí pienssan de aguijar, allí sueltan las riendas.
A la exida de Bivar ovieron la corneja diestra,
e entrando a Burgos oviéronla siniestra.
Meçió mío Çid los ombros y engrameó la tiesta:
“albricia, Alvar Fáñez, ca echados somos de tierra!
“mas a grand ondra, tornaremos a Castiella.”
Mio Çid Roy Diaz por Burgos entróve,
En sue conpañía sessaenta pendones,
exien lo veer mugieres e varones
burgeses e burgesas, por las finiestras sone,
plorando de los ojos, tanto avien el dolore.
De las sus bocas todos dizian una razione:
“Diós, qué buen vassallo, si oviesse buen señore!”

(*Poema de Mío Cid*. Edição de Ramón Menéndez Pidal. Madrid, 1913)

TEXTO PROVENÇAL
MIRÈIO
Canto primeiro, estância I-V.

Cante uno chato de Prouvènço.
Dins lis amour de sa jouvènço,
A travès de la Crau, vers la mar, dins li bla,
Umble escoulan dóu grand Oumèro,
Iéu la vole segui. Coume èro
Rèn qu'uno chato de la terro,
En foro de la Crau se n'es gaire parla.

Emai soun front non lusiguèsse
Que de jouinesso, emai n'aguèsse
Ni diadèmo d'or ni mantèu de Damas,
Vole qu'en Glòri fugue aussado
Coume uno rèino, e caressado
Pèr nostro lengo mespresado,
Car cantam que pèr vautre, o pastre e gènt di mas.

Tu, Segnour Diéu de ma patrio,
Que nasquères dins la pastriho,
Enfioco mi paraulo e duono-me d'alèn!
Lou sables: entre la verduro,
Au soulèu em' i bagnaduro,
Quand li figo se fan maduro,
Vèn l'ome aloubati desfrucha l'aubre en plen.

Mais sus l'aubre qu'èu espalanco,
Tu toujour quihes quauco branco
Ounte l'ome abrama noun posque aussa la man,
Bello jitello proumierenco,
E redoulènto, e vierginenco,

Bello frucho madalenenco
Ounte l'aucèu de l'èr se vèn leva la fam.

Iéu la vese, aquelo branqueto,
E sa frescour me fai ligueto!
Iéu vese, i ventoulet, boulega dins lou cèu
Sa ramo e sa frucho inmourtalo...
Bèu Diéu, Diéu ami, sus lis alo
De nosto lengo prouvençalo,
Fai que posque avera la branco dis aucéu!

FRÉDÉRIC MISTRAL (1830-1914).

TESTO ITALIANO
IL CANTICO DEL SOLE
(século XIII)

Altissimu onnipotente bon signore, tue so le laude la gloria e l onore et onne benedictione. Ad te solo altissimo se konfano. et nulla homo ene dignu te mentouare.

Laudato sie mi signore cum tucte le tue creature spetialmente messor lo frate sole, lo quale iorno et allumini per loi. Et ellu e bellu e radiante cum grande splendore. de te altissimo porta significatione.

Laudato si mi signore per sora luna e le stelle. in celu l ai formate clarite et pretiose et belle.

Laudato si mi signore per frate uento et per aere et nubilo et sereno et onne tempo. per lo quale a le tue creature dai sustentamento.

Laudato si mi signore per sor acqua, la quale e multo utile et humile et pretiosa, et casta.

Laudato si mi signore per frate focu. per lo quale ennallumini la nocte, ed ello e bello et iucundo et robustoso et forte.

Laudato si mi signore per sora nostra madre terra. la quale ne sustenta et gouerna. et produce diuersi fructi con coloriti fiori et herba.

Laudato si mi signore per quelli ke perdonano per lo tuo amore. et sostengo infirmitate et tribulatione. beati quelli ke l sosterranno in pace. ka da te altissimo sirano incoronati.

Laudato si mi signore per sora nostra morte corporale. da la quale nulla homo uiuente po skappare. guai a cquelli ke morrano ne le peccata mortali. beati quelli ke trouara ne le tue sanctissime uoluntati ka la morte secunda nol farra mele.

Laudate et benedicete mi signore et rengratiate et seruiteli cum grande humilitate.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1182-1226)

(De um códice membranáceo de Assis, do século XIV,
apud I fioretti di San Francesco ed il Cantico de Sole.
Milão: Hoepli, 1927, p. 388-9)

TEXTO FRANCÊS
SERMENTS DE STRASBOURG
(842)

Pro deo amur et pro christian poblo et nostro commun salvament, d'isti di in avant, in quant Deus savir et podir me dunat, si salvarai eo cist meon fradre Karlo, et in aiudha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra salvar dift, in o quid il mi altresí fazet, et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai qui, meon vol, cist meon fradre Karle in damno sit.

Si Lodhuvigs sacrament que son fradre Karlo jurat, conservat, et Karlus, meos sendra, de sue part lo suon fraint, si io returnar non l'int pois, ne io ne neuls, cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Ludhuwig nun li iu er.

(Nithard, *Histoire des divisions entre les fils de Louis de Débonnaire*, ms. da Biblioteca Nacional de Paris, F. L. 9768, *apud* L. Petit de Julleville, *Histoire de la langue et de la littérature française*, tomo I, p. LXXVI-IX, Paris, 1896).

Transcrição de Constans, co a pontuação dada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

TEXTO RÉTICO

- 1 – En l’antschetta creà Deus il tschiel a la terra.
- 2 – Mo la terra era senza forma a vida, ad ei fova schir sin la bassezia; ad il Sprit da Deus schascheva sin l’aua.
- 3 – Lura schet Deus: Ei dventi glisch! ad ei fò glisch.
- 4 – A deus vezet, ca la glisch fova buna. Lura spartgi Deus la glisch da las schiradegnas.
- 5 – A Deus numnà la glisch gi, ad il schir numnà el notg. Cou fò sera a damaun, igl amprim gi.
- 6 – Suenter quei schet Deus: ei adventi in firmament denter las auas, a quel spartgi las auas de las auas.
- 7 – Cou faget Deus il firmament, a spartgi l’aua sut il firmament da l’aua sur il firmament. Ad ei dventà aschia.
- 8 – A Deus numnà il firmament tschiel. Ad ei fò sera a damaun, il secund gi.
- 9 – A Deus schet: Ei sa rimnien las auas sut il tschiel en in liuc, par ca ins vezi il schich. Ad ei dventà aschia.
- 10 – A Deus numnà il schich terra, a la rimnanda da las auas numnà el mar. A Deus vezet, ca quei fova bien.

(Velho Testamento – Gênese – capítulo I)

TEXTO DÁLMATA

Al nome de Diu amen. 1397 de lulu. Item anchora facuue a sauri ch’eu ‘n uiaiu sichirisi, per fortuna in Anchona. Pare me charisimu facuue a sauri che parun del nauiliu Aligiritu non-e pagatu del nolu, perchè non potì chatar dinari di pagar lu nolu, salu’ànò abudi duhati 4 in pireçencia di Polu Dobirovacu, resta-i dar duchati X: pireguue daçi tigi. Vostiru fiol Firancisch saluta in Anchona.

A ser Cholane de Fanfona, dada in (?) a Çara.

(Em Savj-Lopez, Le origini neolatine, p. 372)

TEXTO ROMENO

Și dacă ramuri...

Și dacă ramuri bat în geam
Și se cutremur plopii,
E ca în minte să te am,
Și 'ncet să te apropii.

Și dacă stele bat în lac
Adâncu-i luminându'l,
E ca durerea mea s'o 'mpac
Inseninându-mi gândul.

Și dacă norii deși se duc
De iesi 'n luciul luna,
E ca aminte să-mi aduc
De tine 'ntotdeauna.

MIHAIL EMINESCU

TEXTO SARDO

In nomine domini amen. Ego iudice Mariano de Lacon fazo ista carta ad onore de omnes homines de Pisas pro xu toloneu ci mi pecterunt; e ego donolislu pro ca lis so ego amicu caru e itsos a mimi. ci nullu imperatore c'il naet potestate istum locu de nou, n'apat comiatu de laurelis toloneum in placitu, de non occidere pisanu in gratis e ccausa ipsoru ci lis aem leuare in gratis, de faccerlis iustitia imperatore ci'nce aet exere intu locu. E ccando mi petterum su toloneu ligatarios ci mi mandarun homines ammicos meos de Pisas fuit Falceri e Azulinu e Manfridi. ed ego feci 'nde lis carta pro honore de xu pisccopum Gelardu, e de Ocu biscomte e de omnes consolos de Pisas; e ffecila pro honore de omnes ammicos meos de Pisas...

(Em Savj-Lopez, *Le origini neolatine*, p. 358)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
[REORGANIZADAS]

1. ARCHIVUM ROMANICUM
2. ASCOLI, G. Saggi ladini. **In:** *Archivio glottologico italiano*, I.
3. AUERBACH, Erich. *Introduction aux études de philologie romane*. Francfort, 1949.
4. AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972 [?].
5. BARTOLI, M. J. *Caratteri fondamentali delle lingue neolatine. Bausteine zur romanischen Philologie*. Miscelânea Mussafia, 1905.
6. BERTONI, Giulio. *Programma di filologia romanza come scienza idealistica*. Genova, 1923.
7. BONFANTE. *L'origine des langues romanes*.
8. BOURCIEZ, *Éléments*, §§ 97-8, 219, 303, 369, 430, 487, 526;
9. BUDINSKI, A. *Die Ausbreitung der lateinischen Sprache über Italien und die Provinzen des römische Reich*. Innsbruck, 1881.
10. CANELLO, V. A. *Del metodo nello studio delle lingue romanze*.
11. CRESCINI, *Romania*;
12. DIEZ, *Gram.*, I, 1;
13. DU CANGE, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*.
14. EBELING, G. *Probleme der romanischen Syntaxe*. Halle, 1905.
15. ETTMAYER, R. von. *Vademecum für Studierende der romanischen Philologie*. Heidelberg, 1919.
16. FÖRSTER e KOSCHWITZ. *Altromanisches Elementarbuch*. Leipzig, 1907.
17. GAMILLSCHEG, E. e SPITZER, L. *Beiträge zur romanischen Wortbildungslehre*, 1921.
18. GAMILLSCHEG, E. *Romania Germanica*. 3 tomos. Berlim, 1934.

19. GASTON PARIS, *Romania*, I, 1;
20. GORRA, E. *Lingue neolatine*, 1894.
21. GRANDGENT, *An introduction to Vulgar Latin*;
22. GRÖBER, G. *Aufgabe und Gliederung der romanischen Philologie* (no *Grundriss*).
23. GRÖBER, G. *Einstellung und aussere Geschichte der romanischen Sprachen* (no *Grundriss*).
24. GRÖBER, G. *Geschichte der romanischen Philologie* (no *Grundriss*).
25. GRÖBER, *Grundriss* I, 351;
26. GUARNERIO, O. E. *Fonologia romanza*. Milão, 1918.
27. HATZFELD, Helmut. *Neuere Aufgaben der romanischen Philologie*.
28. *HAUPTFRAGE der Romanistik* (Miscelânea Becker). Heidelberg, 1922.
29. HERZOG, E. *Streitfragen der romanischen Philologie*. Halle, 1906-7.
30. HUBSCHMID, J. *Praeromanica*. Berna, 1949.
31. JORDAN, Jorgu. *Introducere în studiul limblor romanice*. Jaxi, 1932.
32. JUD, J. *Neue Wege und Ziele der romanischen Wortforschung* (em *Wissen und Leben*, IX).
33. *KRITISCHER Jahresbericht über die Fortschritte der Rominischen Philologie*.
34. LAURAND, *Manuel des études grecques et latines*, II, §§ 52-98.
35. MEIER, Harri. *Die Entstehung der romanischen Sprachen und Nationen*.
36. MEILLET, A. *Les langues dans l'Europe Nouvelle*. 2^a ed. Paris, 1928.
37. MEYER-LÜBKE, *Gram.* I, 336-521,
38. MEYER-LÜBKE, *Gram.* II, 5-79;
39. MEYER-LÜBKE, *Gram.*, III;
40. MEYER-LÜBKE, *Introdução*, §§ 10-16;
41. MILLARDET, Georges. *Linguistique et dialectologie romanes*. Paris, 1923.
42. MOHL, *Introduction à la chronologie du latin vulgaire*;
43. NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Organizado por Raimundo Barbadinho Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Antônio de Morais Silva “Estudos de Língua Portuguesa”, vol. I.

44. NEUBERT, Fritz. *Gegenwartsaufgaben der Romanistik*.
45. POP, Sever. *La dialectologie...*
46. *PRINZIPIENFRAGEN der romanischen Sprachwissenschaft* (Miscelânea Meyer-Lübke). Halle, 1910.
47. *REVUE de dialectologie romane*.
48. *REVUE de linguistique romane*.
49. *REVUE des langues romanes*.
50. RICHETER, Elise. *Beiträge zur Geschichte des Romanismen*, 1934.
51. RICHETER, Elise. *Zur Entwicklung der romanischen Wortstellung aus der Lateinischen*. Halle, 1903.
52. *RIVISTA di Filologia Romanza*.
53. ROHLFS, G. *Romanische Philologie*, tomo I, Heidelberg, 1950; tomo II, 1952.
54. *ROMANCE Philology*.
55. *ROMANIA*.
56. *ROMANIC (THE) Review*.
57. *ROMANISCHE Forschungen*.
58. *ROMANISCHE Studien*.
59. SAUNER, Rom. *Spr.*, I, 115-25.
60. SAVJ-LOPEZ, Paolo. *Le origini neolatine*. Milão, 1920.
61. SAVJ-LOPEZ, *Revista Lusitana*, XXXV, 23.
62. SCHUCHARDT, *Der Vokalismus des Vulgärlatein*;
63. SEIDEL, A. *Einführung in das Studium der romanischen Sprachen*. Leipzig, [s/d.].
64. SEYBOLD, Chr. *Die arabische Sprache in den romanischen Ländern* (no Grundriss).
65. SILVA NETO, *Fontes do latim vulgar – O Appendix Probi*;
66. SPITZER, Leo. *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*. Halle, 1818.
67. SPITZER, Leo. *Meisterwerke der romanischen Sprachwissenschaft*. 2 tomos. Munique, 1929 e 1930.
68. TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. Bolonha, 1949.
69. VENDRYES, J. *Parlers romans* (em *Les langues du monde*).

70. *VOLKSTUM und Kultur der Romanen.*
71. WARTBURG, W. von. *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume.* Halle, 1936.
72. WARTBURG, W. von. *Die Entstehung der romanischen Völker.* Halle, 1939.
73. ZAUNER, *Rom. Spr.*
74. *ZEITSCHRIFT für Romanische Philologie.*